



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA

WESLEY BRUNNO SILVA DO NASCIMENTO GOMES

Educação e Tecnologia no Campo: potencialidades e limites do Programa Ensino Médio com Intermediação Tecnológica (EMITec) para a formação de jovens em Angico, na Bahia.

Brasília – 2013

WESLEY BRUNNO SILVA DO NASCIMENTO GOMES

Educação e Tecnologia no Campo: potencialidades e limites do Programa Ensino Médio com Intermediação Tecnológica (EMITec) para a formação de jovens em Angico, na Bahia.

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Educação – FE da Universidade de Brasília – UnB.

Brasília - 2013

GOMES, Wesley Bruno Silva do Nascimento. Educação e Tecnologia no Campo: potencialidades e limites do Programa Ensino Médio com Intermediação Tecnológica – Emitec para a formação de jovens em Angico, na Bahia. Brasília-DF, março de 2013. 86 páginas. Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB.

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia.

FE/UnB-UAB

Educação e Tecnologia no Campo: potencialidades e limites do Programa Ensino Médio com Intermediação Tecnológica (EMITec) para a formação de jovens em Angico, na Bahia.

WESLEY BRUNNO SILVA DO NASCIMENTO GOMES

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB.

Professora Orientadora: Ruth Gonçalves de Faria Lopes

Membros da Banca Examinadora

a) Elício Bezerra Pontes

b) Sandra Regina Santana Costa

DEDICATÓRIA

A todos os que fazem parte da minha história: Geralcina e Francisco (*in memoriam*), meus avós-pais queridos. Janete e Ester, minhas meninas. Alef, Érica e Jaine, meus irmãos. Efigênia, minha mãe. Cirilo, meu pai. Sara, Dalvanice, Jeane e demais colegas de curso. Professores, tutores presenciais e a distância. Irmãos do Grupo de Oração Caminho e Vida. Maria de Lourdes, Coordenadora do Polo Educacional Dona Carmen. Professora Ruth, companheira deste trabalho. Pe. Wanderley França (*in memoriam*), exemplo de educador.

AGRADECIMENTOS

*(...)Quando a solidão doeu em mim
Quando meu passado não passou por mim
Quando eu não soube compreender a vida
 Tu vieste compreender por mim
Quando os meus olhos não podiam ver
 Tua mão segura me ajudou a andar
Quando eu não tinha mais amor no peito
 Teu amor me ajudou a amar
Quando o meu sonho vi desmoronar
 Me trouxeste outros pra recomeçar
Quando me esqueci que era alguém na vida
 Teu amor veio me lembrar
Que Deus me ama, que não estou só
 Que Deus cuida de mim
 Quando fala pela tua voz
 Que me diz: Coragem (...)
 Pe. Fábio de Melo*

A gratidão é um bem precioso, acredito ser uma virtude, a qual devemos cultivar. Ser grato é reconhecer que sozinhos somos nada, mas com Deus e com os que nos cercam somos capazes de tudo.

Quero, nas minhas singelas palavras, expressar minha gratidão. Ser grato a todos os que estiveram ao meu lado nesta jornada.

Primeiramente, agradeço a Deus, por me dar o seu Santo Espírito, doador de todos os dons. Por amar-me através de Seu filho Jesus Cristo, meu Senhor Salvador. Por atender as preces da minha fiel intercessora, Maria Santíssima. Eis o motivo da minha existência.

Agradeço a minha mãe, Efigênia, quem me gerou e deu a vida.

Com os olhos em lágrimas de gratidão, agradeço a minha mãe Geralcina, vizinha que aos trancos e barrancos, nas noites traiçoeiras, nas manhãs aos pés do fogão a lenha, nas limitações da idade, amou-me como filho de suas entranhas. Fez-me acreditar nos sonhos, e nas minhas capacidades. Mostrou-me o verdadeiro caminho da vida, o qual sigo.

Como gostaria que ele estivesse aqui pra ler estes agradecimentos, mas obedeço a ordem natural da vida. Pai, quantas vezes o chamei assim e fui atendido. Sou muito grato a este homem, Chico Tabica (*in memoriam*), pelo carinho, afeto, passeio de barco, pelos estudos.

A minha tia Érica, meu primo Alef e minha irmã Jaine, meus companheiros, amigos e irmãos, que Deus fez questão de colocar em minha vida. Obrigado!

Aos irmãos do Grupo de Oração Caminho e Vida, por compreenderem a minhas ausências, por sempre intercederem a Deus por mim.

Sou grato aos meus colegas de curso pelos momentos de estudos e diversão. Em especial ao trio: Sara, Dalvanice e Jeane, colegas companheiras de trabalho. Como vou sentir falta dos nossos estudos em grupo! Também a Léo, Enir e Alex.

A todos os professores e tutores presenciais (Nega Lourdes, Edilene, Crésia, Darlene e Léia) e a distância do curso, que estiveram sempre me apoiando. Obrigado por me proporcionarem os conhecimentos necessários para minha carreira profissional.

A professora Ruth meu muito obrigado, pelas oportunidades de estudos e pesquisas que me proporcionou durante o curso. E por meio tantas dificuldades pessoais, dedicou-se o bastante na orientação deste trabalho.

Por fim, as minhas meninas (minha esposa Janete e minha filha Ester), quero agradecer por completarem minha vida, por me proporcionarem dias felizes, por cuidar de mim, por estar sempre ao meu lado.

E a todos que não citei o nome, mas que de uma forma ou outra fazem parte da minha vida.

Louvado seja Deus pela vida de vocês!

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Oferta do EMITec no Estado da Bahia

Figura 2: Esquema Solução Tecnológica -EMITec

LISTA DE ABREVIATURAS

ABED – Associação Brasileira de Educação a Distância

CCP – Centros de Cultura Popular

CEB – Centro de Educação Básica

CNE – Conselho Nacional de Educação

CONAE – Conferência Nacional de Educação

Contag – Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura

CPF – Construindo e Preparando o Futuro

CPT – Comissão Pastoral da Terra

CRAS – Centro de Referência de Assistência Social

DCNEM – Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio

DIREC – Diretoria Regional de Educação e Cultura

EAD – Educação a Distância

EADCER – Educação a Distância Capacitação em Ensino Religioso

EADRCC – Educação a Distância da Renovação Carismática Católica

EJA – Educação de Jovens e Adultos

EMITec – Ensino Médio com Intermediação Tecnológica

ENERA – Encontro de Educadores e Educadoras da Reforma Agrária

FAINOR – Faculdade do Interior do Nordeste

GPT – Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo

IAT – Instituto Anísio Teixeira

IEL – Instituto Evaldo Lodi

ISVIP – Informática São Vicente de Paulo

JOSC – Jovens Seguidores de Cristo

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEB – Movimento de Educação de Base

MEC – Ministério da Educação

MST – Movimento Nacional dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

NAEIC – Núcleo de Atendimento Educacional de Inclusão de Carinhanha

PAR – Plano de Ações Articuladas

PBCM – Província Brasileira da Congregação da Missão

PCNEM – Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio

PETI – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil

PJMP – Pastoral da Juventude do Meio Popular

PNE – Plano Nacional de Educação

RCC – Renovação Carismática Católica

SECADI – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão

SEMEC – Secretaria Municipal de Educação de Carinhanha

SUDEB/IAT – Superintendência de Desenvolvimento de Educação Básica / Instituto Anísio Teixeira

SUDEPE – Superintendência de Recursos Humanos da Educação

SUPAV – Superintendência de Acompanhamento e Avaliação

SUPEC – Superintendência de Organização e Atendimento da Rede Escolar

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação

TOPA – Todos pela Educação

U. E. DE VINCULAÇÃO – Unidade de Ensino de Vinculação e Municípios

UAB – Universidade Aberta do Brasil

UnB – Universidade de Brasília

UNEB – Universidade do Estado da Bahia

Resumo:

O presente trabalho monográfico é fruto de uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório, cujo objetivo principal foi investigar o potencial e os limites do Programa Ensino Médio com Intermediação Tecnológica – EMITec para a formação de jovens do Ensino Médio do povoado de Angico, na Bahia. Para tanto, foram realizadas observação e entrevistas semiestruturadas com os sujeitos envolvidos no programa, estudantes, mediadores, coordenadora e diretor de escola, buscando uma interação direta e a participação dos mesmos na coleta de informação sobre o programa. No estado da Bahia, o programa nasce da necessidade de ofertar com qualidade o Ensino Médio aos jovens e adultos estudantes do campo, que residem distante dos grandes centros de educação das séries finais da Educação Básica e das possibilidades abertas pela utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) na educação. As TIC têm possibilitado o avanço no sistema educacional nacional e na oferta de um ensino de qualidade. O estudo evidenciou que, em Angico, o EMITec, apresenta alguns fatores limitadores, em especial, as constantes falhas da internet e a falta de um diálogo mais próximo entre os gestores locais. No entanto, tem possibilitado aos jovens e adultos, principalmente trabalhadores e pais de família, o acesso e a conclusão da educação básica, sendo o seu maior potencial o de garantir o direito à formação de nível médio a esses sujeitos.

Palavras-chave: educação, tecnologias, educação no campo, ensino médio, programa EMITec.

SUMÁRIO

1ª PARTE: MEMORIAL EDUCATIVO - AS INTERFACES DE MINHAS MEMÓRIAS

1. Quem sou eu	14
2. A vida de cristão católico	15
3. A trajetória escolar	17
3.1 A entrada para a escola	17
3.2. Prosseguindo os estudos	18
3.3. Uma nova etapa, um novo rumo	20
3.4. Cursos de aperfeiçoamento	21
3.5. O Curso de Pedagogia	
3.5.1. As expectativas da faculdade	22
3.5.2. O ingresso e o percurso na faculdade	22
4. A vida profissional	24

2ª PARTE: TRABALHO MONOGRÁFICO

INTRODUÇÃO	28
I- EDUCAÇÃO DO CAMPO FRENTE À UTILIZAÇÃO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC) NA EDUCAÇÃO	31
1.1. A educação no campo	31
1.2. O uso das tecnologias de informação e comunicação – TIC na educação.....	38
II- CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO, DO POVOADO E DO PROJETO PESQUISADOS	44
2.1. A cidade de Carinhanha, na Bahia, e o povoado de Angico	44
2.1.1. O sistema de ensino de Carinhanha e a oferta educacional em Angico	46
2.2. Programa Ensino Médio com Intermediação Tecnológica – EMITec	48
III- PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	56
3.1. Abordagem, tipo e procedimentos da pesquisa	57
3.2. Amostra da pesquisa	59
IV- APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS	72

3ª PARTE: PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

REFERÊNCIAS	77
-------------------	----

APÊNDICES	80
-----------------	----

Roteiro de observação

Roteiro de entrevistas

1ª PARTE: MEMORIAL EDUCATIVO

AS INTERFACES DE MINHAS MEMÓRIAS

1. Quem sou eu

Falar de si mesmo implica embarcar em uma viagem pela própria vida, no buscar na memória lembranças de onde viemos, o que somos e o que fizemos. Assim, viajo pelas interfaces de minhas memórias e descrevo-as aqui. Início falando da minha origem. Nasci aos 23 de dezembro do ano de 1988, no município de Carinhanha, no interior da Bahia; meu nome é Wesley Brunno Silva do Nascimento Gomes. Wesley, recebi de um amigo de minha mãe, Edilson, esse nome era de um jogador de futebol da época e Brunno um nome que minha mãe sempre achou bonito, aí formou Wesley Brunno, nome que amo muito.

Fui gerado numa relação ocasional entre meus pais Efigênia Silva do Nascimento e Amauri Cirilo Gomes, mas só vim a conhecer meu pai quando já tinha 15 anos de idade. Isso ocorreu em uma barbearia, por intermédio do barbeiro que nos conhecia. De lá pra cá, temos buscado manter uma relação de amizade. Foi também aos 15 anos que recebi seu sobrenome em minha Certidão de Nascimento, o que ainda não tinha.

Desde criança, fui criado por meus maravilhosos avós maternos, Geralcina da Silva Nascimento e Francisco Pereira do Nascimento (*in memoriam*), o qual chamava de pai. Nesta família, encontrei grande amor. Morava na Rua Santa Luzia, no centro da cidade, onde vivi grande parte da minha infância, plena de brincadeiras como pega-pega, jacaré, pique-esconde, salva a latinha e taco, que muito marcaram essa fase de minha vida.

Moro numa cidade ribeirinha e sou filho de pescador, mas não sei nadar, apesar de sempre ir para o rio com meu estimado pai Chico Tabica. Criado numa casa cheia de gente onde moravam meus avós e meus tios Edilson (*in memoriam*), Aline, Agamenon (*in memoriam*), Gutemberg e Érica e meu primo-irmão Alef.

Minha mãe não morava com a gente, ela era professora leiga, ou seja, professora sem formação, na Barra do Parateca, comunidade rural de Carinhanha. Tínhamos uma

vida muito difícil, os meus três tios eram alcoólatras, às vezes dormíamos fora de casa, ficávamos noites na rua, mas tudo foi superado.

Em 2001, mudamos para a casa da minha bisavó Vitória, que falecera no mesmo ano, na Rua 13 de maio, em frente ao rio São Francisco. Outra história iniciava, morávamos, agora, meus avós, Érica, Alef e eu. Sempre buscamos estar unidos, um ajudando o outro. Naquela época, minha mãe já havia ido para São Paulo com minha irmã Jaine. Minha avó é “fazedeira” de bolo de arroz, iguaria que faz parte da minha história, pois até os 16 anos de idade eu vendia o bolo nas casas antes de ir pra escola. Mas, se hoje tiver encomenda, não nego em levar, pois foi com a renda dos bolos que fui criado.

A alegria e o dinamismo sempre fizeram parte de mim, prezo pelo respeito com as pessoas, a responsabilidade e a amizade sincera cultivo sempre. A música é algo que me fascina, tenho paixão pelas religiosas, e sempre gostei de dançar. Não posso ouvir a batida de uma lata.

A televisão, pra mim, é um ótimo entretenimento. Lembro-me que na primeira casa onde morei, já citada, não tinha televisão e meu pai não gostava de ver eu e meu primo Alef na rua. Então ele trocou o seu barco por uma televisão velha, ainda em preto e branco, que, para mudar de canal, tínhamos que usar um alicate. Mas foi um presente que jamais vou esquecer. Em 2005, minha mãe retornou à cidade com minha irmã, porém não fui morar com ela.

Dos momentos tristes de minha vida, estão as mortes de meu tio e de meu pai em 2008, com apenas três meses de diferença. Atualmente, sou casado com Janete que muito tem contribuído para minha felicidade e pai de uma linda filha, Ester, meu amor. Sou uma pessoa muito feliz, amo a vida.

2. A vida de cristão católico

Agradeço muito a Deus pelo que sou na vida, pois sei que o Seu amor incondicional por mim é que fez com que eu me tornasse o jovem que sou hoje. Como já relatado, eu tinha tudo para estar inserido nas drogas e para sentir-me rejeitado, mas

encontrei-me com a Misericórdia do Senhor e sempre mergulho no Seu coração para buscar força e continuar seguindo adiante.

Quando criança gostava de ir aos cultos para crianças e às missas; minha avó era do Clube de Mães e do Apostolado da Oração do Coração de Jesus, digo era porque hoje ela dificilmente sai de casa, minha tia Érica era catequista e fazia parte do Grupo de Jovens e com ela eu ia à catequese e, uma vez ou outra, nos encontros dos jovens. Então, cresci dentro de um ambiente religioso, com isso fui me interessando cada vez mais pelos movimentos religiosos.

Fui batizado na Igreja Matriz de São José com um ano de idade; meus padrinhos são Joaquim e Maria do Socorro. Fiquei três anos na catequese até fazer a Primeira Eucaristia com 11 anos de idade, na capela de São Francisco de Assis. Participava das celebrações e já começava a ir para o Grupo de Oração Caminho e Vida da Renovação Carismática Católica (RCC), onde, hoje, sou coordenador e ministro da palavra. Fui coroinha por um tempo, bem pouco, pois não gostava da catequista. Ah, como posso esquecer-me das catequistas!? Janete, minha esposa, Lucimara, Érica e Dona Marta; dessa última, todos tinham medo, pois era muito brava, mas ainda hoje somos muitos amigos. Também Alricélio, meu catequista de preparação para a Crisma, que foi realizada em 2006; minha madrinha de Crisma é Cleusa.

Lembro-me com muita saudade dos Encontros Vocacionais com Irmã Ignês, Irmã Renildes, Padre Getúlio, Alberto e Gicélia (meus compadres), Jumária, Dona Mercês, dona Zoraíde e muitos outros leigos. Nesses encontros, fui descobrindo quem sou e minha vocação matrimonial e para servo leigo. Muitas vezes fui para a Romaria da Terra na cidade de Bom Jesus da Lapa. Encontros estes que muito me ensinaram. Daí é que nasceram a minha espontaneidade e minha coragem de falar em público, de enfrentar o novo.

Nesses processos fui engajando nos grupos de jovens, fiz parte do Jovens Seguidores de Cristo (JOSC) e, por conseguinte, entrei para a coordenação da Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP), onde fiquei até o ano de 2010. Na PJMP, fazíamos muitos encontros de jovens na sede e na zona rural, também participei de vários encontros em outras cidades. Não posso esquecer-me do saudoso amigo Wanderley de França Barbosa (*in memoriam*) que muito dizia “triste da sociedade

quando a juventude perde a capacidade de sonhar, quando isso ocorre é o princípio do fim”. Muito aprendi com ele, principalmente, não deixar de sonhar. Desde 2009, sou catequista de Crisma, onde o público alvo é o jovem com mais de 15 anos de idade.

Minha religião muito me ensinou, me fez crescer não só na fé, mas também enquanto profissional.

3. A trajetória escolar

3.1. A entrada para a escola

A minha vida escolar inicia aos cinco anos de idade, mas não durou muito. Comecei, com essa idade, indo para a creche, mas chorava todos os dias e minha avó preferiu deixar-me em casa. Já no ano seguinte, não teve choro, com seis anos, comecei a estudar no chamado PRÉ, no Colégio Estadual Coronel João Duque com a Professora Valdívia; as lembranças são poucas, mas lembro-me que minha sala ficava em frente ao pátio, o muro da escola era bem baixo. A diretora era a Professora Marinalva. No PRÉ, fui aprofundando o meu relacionamento com as letras e com algumas palavras e a escrever meu nome, difícil.

Lembro-me, também, da musiquinha, cantada no início das aulas: *“Bom dia sol; Bom dia mar; Bom dia mundo, eu quero é cantar. Bom dia você, que é meu irmão; Bom dia você no meu coração; Bom dia você, bom dia você”*. As tarefas ficavam dependuradas num barbante amarrado nos combogós e, no final do ano, a professora nos deu uma bola pingo de leite de presente, que não me esqueço.

Em seguida, com sete anos de idade, passei para a 1ª série do Ensino Fundamental e estudei com a professora Ana Lúcia Cazumbá até a 3ª série, que foi a minha alfabetizadora, com ela aprendi a ler. Neste tempo, passaram algumas estagiárias, na 1ª série, Luciene e Maria Aparecida, na 2ª série, Ana Claudia e, na 3ª série, Luzia. Não posso negar que todas elas muito contribuíram para o meu aprendizado.

Como já citado, na minha infância, foi bem difícil a vida na minha família, mas me recordo desse tempo com saudades. Eu não tinha bolsa para levar meu material e cheguei a levá-lo em uma sacolinha de plástico ou em meu classificador azul fechado com um elástico, mas meu pai cuidava dele tão bem que eu não tinha vergonha.

Ainda nesta escola e já com 10 anos de idade, estudei a 4ª série com a professora Suely Cazumbá, irmã da Ana Lúcia, e com o estagiário Eduardo, ambos maravilhosos. Este foi o meu último ano no João Duque, uma escola onde vivi bons momentos, as brincadeiras, as filas para cantar o Hino Nacional com a diretora e a Secretária Nélia para, em seguida, entrar para a sala, em fila. Também dona Carmozina, merendeira de mão cheia, que, para fazer uma deliciosa merenda, pedia para levarmos temperos de casa. Com certeza, todo o meu alicerce de aprendizagem foi construído nestes cinco anos de ensino.

Não posso deixar de falar aqui da Escola Monteiro Lobato, nunca estudei lá, mas fez parte da minha trajetória escolar, pois, durante três anos consecutivos, fui lá brincar quadrilha e o Pau de Fita, onde, pela primeira vez, fui noivo de uma festa junina. Pessoas muito importantes desta escola me marcaram como as professoras Iza D'Arc, Marisa e Raimunda, que sempre se lembravam de mim.

3.2. Prosseguindo os estudos

Com muita tristeza, na 5ª série mudei de escola. Como eu tinha que vender o bolo de arroz, precisava estudar no turno vespertino e no João Duque não tinha essa série, nesse horário. Então, minha avó me transferiu para o Educandário São José. Ali, iniciava uma história trilhada no caminho da aprendizagem que eu não esperava, muitos desafios; primeiro, a turma era totalmente diferente, meus colegas não eram os mesmos, eram meninos que vieram das escolas particulares. Foi muito difícil, mas depois fiz amizades.

Sofri muito preconceito por parte dos alunos veteranos; eu sempre fui meio afeminado, então, fui rotulado de homossexual, o que não era e não sou. Cheguei até a apanhar de outros meninos, mas muitos me ajudaram a prosseguir e também eu acreditava em mim mesmo e em Deus. Nesse período, pessoas muito importantes surgiram, Tianinho (*in memoriam*) – Martiniano, cujo nome leva a biblioteca do Polo Educacional Dona Carmen, porteiro da escola, os professores, Genivaldo, Adail, Núbia, Silvinha, Liliinho, Carlota e tantos outros, pessoas que me fizeram pegar o ritmo para tudo aquilo que viria pela frente.

Nessa série, aconteceu algo que não posso deixar de relatar; a professoras Núbria e Silvinha me pegaram colando. Minha sorte é que eu já tinha terminado a prova e elas só descontaram a metade da nota, mas o bacana é que elas ficavam imitando o meu jeito de colar, lendo e fazendo gestos com as mãos.

Também, nessa escola, teve uma Festa Junina inesquecível: a professora Carlota, de Artes, junto com os alunos maiores fizeram desenhos enormes de casas, da igreja e uma fogueira no meio do pátio que ficou parecendo um vilarejo; brinquei a quadrilha com Heide.

No ano seguinte, quando estava na 6ª série, o gestor do município decidiu reformar a escola e a Secretaria de Educação colocou-nos para estudar na Escola Antônio Pereira da Silva. Tudo mudou: até os professores e alguns colegas. Este ano foi marcado pelos protestos e passeatas, com os alunos pedindo para voltar para a escola em reforma. Outra coisa foi a nova professora de Artes, que dançava na sala, fazia ballet e a gente só achava graça. Apesar dos protestos, o prédio do Educandário São José só foi liberado no ano seguinte.

Na 7ª série, meus colegas foram estudar no turno matutino e eu tanto pedi para minha avó para me mudar de horário que consegui. Este era o ano da COPA do Mundo, enfeitamos a escola toda. Algo que muito marcou foi o Projeto de Leitura desenvolvido pela professora de Português Odália, em que tínhamos que escolher um livro pra ler e preparar uma peça teatral, desfile de personagens, resumo, paródia. Meu grupo escolheu Cacau, de Jorge Amado. Como, no grupo, só tinha homens, os meninos tiveram que fazer o papel de mulher, o que foi muito engraçado. Não consigo recordar da letra, mas, outra vez fizemos uma paródia da história de Chapeuzinho Vermelho. Posso afirmar que, de meus anos de Fundamental, essa série foi a mais marcante.

Na 8ª série, outras mudanças ocorreram: alguns colegas foram embora e voltei a estudar no turno vespertino. Mas, aconteceu algo que modificou totalmente a minha trajetória escolar: não era um aluno bom em Matemática, sempre ficava com notas médias, passava arrastando, mas nunca de recuperação e nem reprovação. Neste ano, o professor de Matemática foi Carlinhos, aquele que todo mundo temia. Cheguei a minha casa e falei para minha avó: “queta, este ano, eu não vou ser aprovado; Carlinhos é meu professor de matemática!”. Porém, eu estava sofrendo sem necessidade, ele foi o melhor

professor de Matemática que já tive, pois me fez romper com o medo e me apaixonar pela matéria. Desde então, não vou dizer que sou “craque”, mas “arranho” na Matemática. Assim, finalizam os meus estudos no Ensino Fundamental.

3.3. Uma nova etapa, um novo rumo

Em 2004, uma nova etapa iniciava em minha vida, na mesma escola, Educandário São José, quando comecei a cursar o Ensino Médio. O 1º ano, uma turma lotada, com cerca de 45 alunos. Dos professores, me lembro de Alberto (Português) Suely Cazumbá (Biologia), a mesma da 4ª série, Edilene (Química). Em Matemática, passamos por três professores diferentes, e nenhum deles ensinou o suficiente; de Física, também quase não houve aula, o professor era relapso, mas sempre repetia a matéria e, por incrível que pareça, as minhas notas eram sempre altas Não posso me esquecer da nossa quadrilha de São João que se chamava Canavial. Nossa, como gostava de dançar!

Quando no 2º ano, a Gestão Municipal havia mudado e decidiu modificar o quadro de professores do Educandário. Sem dúvida, foi ótimo todos eram muito bons! Desde o diretor, professor Hélio Castro, que também ensinava Sociologia. Em toda a minha vida não encontrei um gestor com tal perfil; doava-se pela qualidade da escola. Bimestralmente, havia reunião de pais e mestres; minha avó sempre comentava como as reuniões eram boas. Essa série foi marcada por uma grande aprendizagem! Os professores eram: Maria de Lourdes (Português), Emanuela (Matemática), Roberto Carlos (Geografia), Sócrates (Inglês), Aparecida Alves (Educação Física) e Florindo (Física).

Também nos divertimos na quadrilha Canavial. Neste ano, a escola desenvolveu um Projeto cujo tema era Valores, que culminou com uma inesquecível gincana, na qual fui líder da equipe Pátria Amada que foi a campeã. Muito interessante foi a vinda dos colegas de Porto Agrário, um povoado de Juvenília, Minas Gerais.

No 3º ano (chamado de terceirão), muita coisa mudou novamente, muitos colegas foram embora. Fazia parte de um grupo de trabalho com 10 pessoas, o que gerava confusão para subdividir o grupo, mas era sempre certo o trio eu, Júnior (Xiboca) e Bruno.

Nesta série, parece que tínhamos voltado a ser crianças; no recreio, brincávamos muito. Hoje, quando vejo os alunos parados nos corredores da escola, sem ânimo e sem vida, fico pasmado porque não perdíamos tempo, brincávamos de cabra parida. Também nos dedicávamos aos estudos. Tivemos uma ótima professora de Matemática, Vanessa; com ela a aprendizagem fluía.

Nestes dois últimos anos, em Português, aprofundamos na Literatura, filmes como Memórias Póstumas de Braz Cubas, livros como Capitu, A moreninha, Gabriela, Triste fim de Policarpo Quaresma, entre outros, e as peças teatrais Gabriela e Sítio do Pica-pau amarelo, onde fiz o papel de Visconde de Sabugosa.

Um tempo muito especial, pois se encerrava, no dia 10 dezembro com nossa festa de formatura, a minha vida na escola básica, enquanto aluno. Muitos sonhos já brotavam, a alegria de uma conquista era radiante não só pra mim, mas para minha família.

3.4. Cursos de aperfeiçoamento

Sempre gostei de estudar. Buscava fazer cursos, seminários, participar de palestras que viessem a contribuir para a minha formação e crescimento. Quando ainda adolescente, fiz o curso básico de informática pela Informática São Vicente de Paulo (ISVIP), um projeto da Paróquia São José de Carinhanha e Província Brasileira da Congregação da Missão (PBCM). Como trabalhava em uma loja, minha patroa colocou-me para participar de um treinamento de Qualidade no Atendimento, Técnicas de Vendas com o Olho de Águia, Consultoria em Marketing e Recursos Humanos.

Por ser líder da Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP), participei de vários encontros de jovens, como: Retiros para jovens, Assembleias, Congressos, Projetos, entre eles, o Construindo e Preparando o Futuro (CPF), organizado pela PBCM. Em março de 2008, participei como delegado da Conferência de Juventude da Bahia. Enquanto líder religioso, é necessário também se aperfeiçoar. Em 2010, pela RCCEAD, fiz um curso de Pregadores – Oratória Sacra, metodologia no Espírito Santo ministrado pelo Professor Dercides Ribeiro.

Como se sabe, numa carreira profissional é necessário buscar sempre formação; como professor, já estive em encontros e seminários ministrados pela Secretaria de Educação, tais como o Plano de Ações Articuladas (PAR) e o Encontro de Educação no

Campo. Participei de duas capacitações para Coordenadores do programa TOPA (em 2010 e 2011); a primeira, pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e, a segunda, pela Faculdade do Interior do Nordeste (FAINOR). Neste mesmo período, fiz Capacitação Docente em Ensino Religioso EADCER, um curso ministrado pela UNEB e Pastoral da Educação de Barreiras. Na vida acadêmica participei do Encontro das comunidades do Curso de Pedagogia – Repensando o currículo do curso de Pedagogia na UnB e da Semana Universitária 2011.

Esses cursos foram de grande valia para o meu crescimento pessoal e profissional, cada um, de modo particular, deu a sua contribuição específica levando-me a crescer.

3.5. O Curso de Pedagogia

3.5.1. As expectativas da faculdade

Como já dito, sempre tive muitos sonhos. Para mim, não bastava simplesmente encerrar o 2º grau (Ensino Médio) e parar, ir além era e continua sendo meu objetivo. A princípio, queria fazer Administração, mas minha família não podia me mandar estudar fora, tampouco pagar uma faculdade. Mas não desanimei; entrei para um cursinho com o Professor Wanderley (que faleceu em junho de 2007) e, depois, com Adão e Adinalva (Gaia) e continuei estudando. Ser professor estava sim em meus sonhos, ou melhor, está, pois sempre gostei de brincar com papel.

3.5.2. O ingresso e o percurso na faculdade

Com o surgimento do programa Universidade Aberta do Brasil (UAB), Carinhanha foi contemplada com os cursos de Letras e Pedagogia, ofertados pela Universidade de Brasília (UnB). Com certeza, tive dúvidas, mas optei por Pedagogia. Confesso que foi por causa da concorrência, acreditava que seriam poucos inscritos, contudo, foi o contrário. Em julho de 2007, prestei o meu primeiro vestibular, com questões de rachar os neurônios e uma redação cujo tema foi a diferença entre a vida no campo e na cidade. Ali, já brotava em mim uma expectativa de estar ingressando na vida acadêmica, porém a certeza só veio com o resultado, muito interessante por sinal.

Ao acessar o sítio do CESPE, e digitar meu CPF, entre os aprovados, lá estava o meu nome: Wesley Brunno Silva do Nascimento Gomes.

No dia 17 de outubro de 2007, após muitas correrias e entrega de documentos, tivemos a aula inaugural, um grande evento que iniciou na Câmara de Vereadores, em que se fizeram presentes dois professores da UnB, Álvaro e Tadeu da disciplina Investigação Filosófica, que apresentaram a plataforma *Moodle* e a dinâmica das disciplinas, como um grande desafio.

Em Carinhanha, eram pouquíssimas as casas que tinham um computador, como na minha que só veio a ter um este ano, por isso, os laboratórios de informática do Polo Educacional foram importantíssimos para minha vida acadêmica.

No primeiro semestre, estudamos Fundamentos da Antropologia com a inesquecível professora Rosângela Correa que com “puxões de orelha” e reclamações levava não só a mim, como também meus colegas, a compreender os mecanismos da vida acadêmica. Isso também foi propiciado pelo componente curricular Projeto 1, onde navegamos pela história da UnB, por nossa trajetória escolar, como neste memorial, e compreensão de onde estamos e qual o nosso papel. Muitos não acreditavam que a nossa Faculdade era, realmente, da Universidade de Brasília.

Tais discussões foram aprofundadas no Projeto 2. Não se pode esquecer que, no 2º período, foi realizado o 1º Seminário de Educação Ambiental no comando da Professora Rosângela, um evento que contou com a presença de várias pessoas da comunidade na Câmara de Vereadores, encerrando com uma caminhada ecológica na manhã de domingo pelas margens do São Francisco, do cais até o pontal e um protesto com a exposição dos lixos recolhidos na praça da matriz.

Os estudos foram se aprofundando e, mais adiante, tivemos o Projeto 3, dividido em três fases com temas específicos escolhidos pelos alunos; nas duas primeiras fases minha temática foi Cinema, Ensino e Diversidade na Supervisão da professora Marly Silveira. Meu intuito era aprofundar nos recursos mídia-didáticos, especificamente de filmes na sala de aula. Percebi o quanto é importante o cinema na escola e as potencialidades pedagógicas que o mesmo tem, além de ser um recurso atraente para os estudantes. Na fase 3, para dar sequência aos estudos, já que estudamos também sobre a

diversidade, fiquei com a temática Cultura no Cotidiano Escolar do professor Fávero e a tutora Sandra.

Após termos realizados esses estudos, partimos para a prática com o Projeto 4 – Estágio Supervisionado, este dividido em 2 fases, onde os alunos puderam escolher uma área específica para desenvolver seu estágio e projeto de intervenção. Na primeira fase, escolhi Educação de Jovens e Adultos (EJA), pois veio ao encontro de meu trabalho como coordenador do TOPA, programa de alfabetização de Adultos, em que descobri a necessidade de valorizar essa área da educação, buscando mecanismos para a sua melhoria. Posso dizer que foi importantíssimo para mim, os alunos adultos são inesquecíveis, com eles trabalhei com a leitura, acreditando no que enfatizava Paulo Freire “a leitura do mundo precede a leitura da escrita”, e levando para a prática aquilo que aprendi no Projeto 3 sobre o cinema na sala de aula.

Na fase 2, optei pela área da Gestão Educacional; decidi desenvolver o estágio no Programa Bolsa Família, buscando conciliar com a área educacional, já que uma das condicionalidades do programa é a frequência escolar. Juntamente, fizemos Projeto 5 – TCC, que também está organizado em duas fases. Na primeira, o trabalho inicia-se com o a construção do memorial educativo e, em seguida, partimos para a elaboração do projeto de pesquisa que terminará com a elaboração do TCC, na segunda fase. De antemão, busquei conciliar tudo que já fora estudado no meu trabalho final, envolvendo os temas: cinema, recursos tecnológicos e educação a distância como focos de estudos e sistematização.

Nesse percurso de cinco anos, tivemos várias disciplinas importantíssimas para nossa formação acadêmica, e o convívio com pessoas que deram a sua contribuição e deixaram marcas de profunda amizade e exemplo de profissionalismo. Não posso encerrar essa trajetória sem citar as tutoras; primeiramente, as tutoras a distância Cília Cardoso, Ana Cristina e Agilson, e as presenciais: Edilene e Nega (Maria de Lourdes), que hoje está na coordenação do Polo, Darlene e Leia, atuais tutoras.

4. A vida profissional

A minha vida profissional inicia-se bem cedo, como já dito, minha avó sempre fez bolo de arroz para vender e, quando adolescente, eu vendia essa comida na rua e nas casas. Aos 12 anos de idade, fui trabalhar com o senhor Arthur Castro (*in memoriam*). Ele estava muito doente e eu o acompanhava da sua casa ao seu comércio, onde eu passava a manhã. Esse trabalho me enriqueceu bastante, ainda que o que eu recebia era pouco e, às vezes, nada. Entretanto, compensaram as conversas, os conselhos e, hoje, o sentimento de que fiz a felicidade de um senhor no passado, por quanto o ouvia e creio que isso o deixava feliz. Seu estado de saúde agravou-se, ele veio a óbito, e eu fiquei trabalhando na loja da sua esposa (Socorro), estando já com os meus 14 anos de idade.

Quando completei 15 anos, comecei a trabalhar na loja Samantha Boutique 2 de Nega (Cleusa) que veio a ser minha madrinha de Crisma. Nessa loja fazia de tudo, da limpeza ao atendimento, da cobrança ao financeiro. Minha saída se deu por eu ter arrumado um contrato na Secretaria Municipal de Educação. Minha primeira experiência como professor foi na Escola Municipal Santa Efigênia, na comunidade rural de Baixa do Mocambo, onde lecionei as disciplinas História, Ciências e Técnicas de Redação; um ano de grande aprendizagem, porquanto morava numa casa com pessoas maravilhosas que me ajudaram na profissão, como Emília, Matilde, Sara, Marcelina e Marinalva.

No ano seguinte, em 2009, fui trabalhar no Ensino Médio no povoado de Angico, na Escola Municipal Luís Viana Filho, extensão do Colégio Estadual Coronel João Duque, onde lecionei as disciplinas Filosofia, Sociologia e Biologia. Neste mesmo ano, no período de junho a setembro, fui professor/estagiário no Instituto Evaldo Lodi (IEL) na Escola Estadual Alice Sales Pereira com a disciplina de Ciências e, de março a junho, estive como monitor de Investigação Filosófica da turma UAB2 do curso de Pedagogia a distância da UnB.

A carreira de profissional da educação vai se aprofundando e, em 2010, também pelo IEL, continuei como professor/estagiário de Ciências na Escola Estadual Alice Sales Pereira. Estive na coordenação do Programa Todos Pela Alfabetização (TOPA) por dois anos consecutivos, uma experiência na instrução que veio ao encontro de meu

estágio na área de Educação de Jovens e Adultos. Neste mesmo período, no Curso de Auxiliar Administrativo da Elite Treinamentos fui instrutor durante três meses.

Minha carreira profissional se faz a cada momento, não perco as oportunidades, tenho em mente que tudo o que poder fazer para o meu crescimento profissional, dentro do possível, devo fazer. Diante disso, já fiz vários concursos públicos, porém, em nenhum deles consegui classificação. Em 2011, fui aprovado na seleção municipal do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) e convocado em fevereiro de 2012, quando comecei como entrevistador do Programa Bolsa Família e, por conseguinte fui sócio educador do PROJovem Adolescente.

Leciono Filosofia no Centro Educacional Professor Wanderley França, uma escola particular, e integro o grupo de pesquisa de Mapeamento Cultural de Carinhanha. E estou atuando como coordenador do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS).

Assim, no decorrer da vida, vou enfrentando os desafios, rompendo os obstáculos e crescendo.

2ª PARTE: TRABALHO MONOGRÁFICO

INTRODUÇÃO

A educação brasileira tem avançado muito. Atualmente, esta tem sido uma das principais preocupações do governo brasileiro que, por meio de programas e projetos, tem buscado concretizar o que afirma o artigo 205 da Constituição Federal de 1988: “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Sendo assim, a educação, como direito de todos, deve alcançar e contemplar a todos, independentemente de onde se encontram. Mas como fazer isso? Como levar educação a lugares distantes?

Tais perguntas começam a ser respondidas com o advento e incremento da utilização das tecnologias na educação que, de certo modo, modernizaram o ensino e se fazem solução para muitos problemas educacionais, pois, por meio das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), a educação escolar tem chegado a lugares longínquos.

É importante destacar que a evolução das TIC tem trazido benefícios significativos para a sociedade. Através destas, pessoas têm tido a oportunidade de seguir em frente nos estudos e obter uma profissão. Não somente no ensino técnico e superior, mas também para jovens e adultos do Ensino Médio, principalmente no campo, no meio rural.

Em muitos lugares, os estudantes interrompiam os estudos, pela impossibilidade de prosseguir, ou tinham que sair da sua comunidade ou povoado para estudar na cidade, o que trazia grandes dificuldades: o transporte de péssima qualidade, o tempo dispendido, o cansaço decorrente, eram “companheiros” de muitos jovens e adultos que passaram anos estudando longe de casa.

Porém, essa realidade mudou, de certa forma. Atualmente, com o crescente uso educacional das TIC, as coisas tomaram novos rumos e, em algumas localidades da zona rural, já é possível fazer o Ensino Médio com Intermediação Tecnológica. Esse

avanço tem trazido benefícios não somente para os estudantes e suas famílias, mas também para toda a comunidade.

No entanto, para compreender os reais benefícios que as ações governamentais possam promover na construção de uma nova realidade na oferta educacional torna-se necessário o desenvolvimento de pesquisas e estudos sobre o uso das TIC na área da educação.

Dessa forma, com essa motivação, este trabalho aborda o uso das TIC na educação do campo, com ênfase no Programa Ensino Médio com Intermediação Tecnológica (EMITec) da Secretaria de Educação do Estado da Bahia, apresentando as potencialidades e limites desse Programa para a formação de jovens do povoado de Angico, na Bahia.

Com essa intenção, o presente estudo tem como objetivo principal investigar o potencial e os limites do Programa Ensino Médio com Intermediação Tecnológica – Emitec para a formação de jovens do Ensino Médio do povoado de Angico. Ademais, para melhor nortear os estudos, foram propostos os seguintes objetivos específicos:

- Apresentar a discussão atual sobre tecnologias e educação e educação no campo, com foco no uso de tecnologias no ensino médio.
- Apresentar o Programa Ensino Médio com Intermediação Tecnológica – Emitec, no contexto da oferta de ensino médio para os alunos do ensino médio do povoado de Angico.
- Caracterizar a realidade da escola municipal e sua vinculação com a escola estadual para o desenvolvimento do programa.
- Identificar e analisar os ganhos do uso de tecnologias na oferta de ensino médio para os alunos de Angico, bem como as dificuldades e limitações do programa, em especial as relacionadas ao acesso à Internet.

A propósito, neste trabalho, além da pesquisa bibliográfica e documental, foi realizada uma pesquisa de campo, numa abordagem qualitativa de cunho exploratório, a fim de conseguir informações junto aos sujeitos da pesquisa por meio da interação direta no campo de estudo. Para tanto, além de observações, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com estudantes, mediadores presenciais, coordenação e

direção do programa no município.

Os dados coletados foram organizados e são apresentados, no presente trabalho, em quatro capítulos. No primeiro capítulo, é apresentada uma sistematização dos fundamentos teórico-conceituais da educação no campo e do uso das tecnologias de informação e comunicação (TIC) na educação. Este capítulo foi dividido em duas partes principais: no primeiro, são abordados, teoricamente, os pressupostos da educação do campo, seu marco conceitual e histórico; no segundo, o uso das TIC na educação sob o olhar de diversos estudiosos e algumas referências documentais.

No segundo capítulo, são apresentados o campo empírico e o objeto da pesquisa, com a caracterização do município e do povoado, bem como do programa pesquisados, isto é, a cidade de Carinhanha, na Bahia, o povoado de Angico, com suas peculiaridades e seu sistema educacional e o Programa Ensino Médio com Intermediação Tecnológica – EMITec.

No terceiro capítulo, são feitas referências e explicitada a metodologia utilizada e aos procedimentos metodológicos da pesquisa realizada.

No quarto capítulo, em confronto com os fundamentos teóricos apresentados, são sistematizados os dados coletados, a fim de analisar as potencialidades e os limites do Programa EMITec no povoado de Angico, à luz da voz dos sujeitos envolvidos.

Em seguida, são apresentadas as considerações finais acerca das descobertas e achados da pesquisa frente ao problema e aos objetivos propostos.

Por último, é apresentada a bibliografia utilizada como suporte teórico e documental e os apêndices dos quais se utilizou para a coleta em campo, os roteiros de observação e de entrevistas.

I- EDUCAÇÃO DO CAMPO FRENTE À UTILIZAÇÃO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC) NA EDUCAÇÃO

1.1. A educação no campo

Ao olharmos para o cenário da educação brasileira, perceberemos um trajeto histórico onde o acesso à escola por todos foi conquistado depois de tempos de lutas, principalmente pelas classes populares. Como afirma Aquino (1998), quanto mais recuarmos no tempo, mais veremos como a escola sempre foi um artigo precioso, difícil de encontrar no varejo social. Nesse sentido, a educação escolar era para poucos e a camada social mais pobre não tinha acesso a ela.

De fato, se ofertar educação escolar para a classe mais pobre da zona urbana era difícil, imagine a oferta para a população do campo. A propósito, buscaremos identificar aspectos específicos da educação ofertada no campo, seus pressupostos históricos, sua evolução e o uso das tecnologias da comunicação – TIC para a oferta de uma educação de qualidade para uma população que, por muito tempo, foi esquecida.

A princípio, é importante destacar os caminhos percorridos pela educação brasileira. Assim,

[...] o modelo de educação praticado no Brasil pelos diferentes governos entre o início do Império (1822), até meados do século XX, era uma educação para a elite econômica e intelectual, em prejuízo direto e indiscriminado dos pobres, negros e índios. Inclusive a primeira Lei, ainda no período imperial, quando se reporta à educação, não se ateu às especificidades diretas da zona rural onde a população brasileira vivia (BRANDÃO e FERREIRA, 2011).

Podemos afirmar que a educação no Brasil não priorizava o homem do campo, pois remetendo à Constituição Federal de novembro de 1937 não se tem nenhuma citação referente à educação rural. Por outro lado, o que se percebe é uma educação voltada para os interesses econômico e capitalista da época, ou seja, a preparação de mão de obra para os grandes mercados.

Na década de 1950, o país passou a sofrer com um processo de dualismo na economia, de um lado encontrava-se a indústria e de outro a agricultura. Deste modo,

Sandroni (1999, *apud* BRANDÃO e FERREIRA, 2011) explica que ou um setor é “moderno” e o outro “arcaico”, um “avançado” e outro “atrasado” ou um é rural e outro é urbano. Esta maneira de pensar setores econômicos, onde um é avançado e outro é atrasado, foi típico de um país em fase de industrialização, onde se faziam necessárias mudanças no pensamento dos dirigentes e das elites rurais em busca do desenvolvimento industrial.

Logo, a partir de 1960, a educação brasileira inicia um processo de universalização para atender às novas necessidades da economia em curso. As escolas, agora escolas públicas, também destinadas aos pobres, à classe trabalhadora, passaram a ter como finalidade, a formação de técnicos para a indústria. Por outro lado, os interesses da elite eram sempre maiores, sua preocupação estava nas favelas que vinham crescendo cada vez mais nos grandes centros urbanos. Desse modo, para reduzir a migração da população campina para a cidade, foram adotadas as escolas rurais. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1961, em seu art. 105, estabeleceu que “os poderes públicos instituirão e ampararão serviços e entidades que mantenham na zona rural escolas capazes de favorecer a adaptação do homem ao meio e o estímulo de vocações profissionais”.

Como dito no início, as lutas populares foram de suma importância para a construção do sistema educacional brasileiro. Movimentos como o Centro Popular de Cultura (CPC), os Centros de Cultura Popular (CCP), criados pela União Nacional dos estudantes, o Movimento Nacional dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), a Comissão Pastoral da Terra (CPT), a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag) e o Movimento de Educação de Base (MEB), órgão da Confederação Geral dos Bispos do Brasil, estiveram à frente das lutas por uma educação para todos. No início da década de 1960, esse movimento foi intenso.

[...] ocorreu um vigoroso movimento de educação popular. Protagonizado por educadores ligados a universidades, movimentos religiosos ou partidos políticos de orientação de esquerda. Seu propósito era fomentar a participação política das camadas populares, inclusive as do campo, e criar alternativas pedagógicas identificadas com a cultura e com as necessidades nacionais, em oposição à importação de ideias pedagógicas alheias à realidade brasileira. (RIBEIRO, 1993, p.171 *apud* BRASIL, 2007, p.11).

Com o início do governo militar, no ano de 1964, organizações que estiveram à frente da mobilização política da sociedade civil, como as citadas anteriormente, sofreram um pesado processo de repressão política e policial. Essa repressão resultou na desarticulação e na suspensão de muitas dessas iniciativas (BRASIL, 2007, p.11). Silva (2004) destaca que muitas campanhas de alfabetização foram implantadas no Brasil, tendo como principal objetivo tornar o país uma potência no cenário internacional. Como por exemplo, o Movimento Brasileiro de Alfabetização – Mobral, o mesmo objetivava realizar alfabetização em massa através de campanhas.

Anos seguintes, basicamente na década de 1980, a educação do campo passou a ser pauta nas discussões estratégicas dos processos de redemocratização do Brasil, como mostra o documento Educação do Campo: diferenças mudando paradigmas da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECADI/MEC)

[...] aliando mobilização e experimentação pedagógica, passam a atuar juntos sindicatos de trabalhadores rurais, organizações comunitárias do campo, educadores ligados à resistência à ditadura militar, partidos políticos de esquerda, sindicatos e associações de profissionais da educação, setores da igreja católica identificados com a teologia da libertação e as organizações ligadas à reforma agrária, entre outras. O objetivo era o estabelecimento de um sistema público de ensino para o campo, baseado no paradigma pedagógico da educação como elemento de pertencimento cultural (BRASIL, 2007, p.12).

Conforme explicita Caldart (2008) a Educação no Campo nasceu como mobilização/pressão de movimentos sociais por uma política educacional para comunidades camponesas; nasceu da combinação das lutas dos Sem Terra pela implantação de escolas públicas nas áreas de Reforma Agrária com as lutas de resistência de inúmeras organizações e comunidades camponesas para não perder suas escolas, suas experiências de educação, suas comunidades, seu território, sua identidade.

Nesta mesma década, houve a promulgação da Constituição Federal, no ano de 1988, que estabeleceu novos rumos para o Brasil. Assim, foi estabelecido o compromisso do Estado e da sociedade com a educação, com fins de garantir o direito de acesso a todos, sem distinção, com respeito às singularidades culturais e regionais.

A partir de então, muitos movimentos e espaços públicos de debates foram surgindo no propósito de expandir, cada vez mais, a educação no campo, como por exemplo, o I Encontro de Educadores de Assentamento em Belo Horizonte, o I Encontro de Educadores e Educadoras da Reforma Agrária (I ENERA), em 1997, organizado pelo MST e com o apoio da Universidade de Brasília (UnB), entre outras entidades. Este último encontro foi promissor para a I Conferência Nacional: por uma educação básica do campo, que ocorreu em julho de 1998. A população do campo almejava uma educação, no sentido amplo do processo de formação humana, que constrói referências culturais e políticas para a intervenção das pessoas e dos sujeitos sociais na realidade, visando uma humanidade mais plena e feliz (KOLLING et al., 1999 *apud* BREITENBACH, 2011).

Em consonância com a Constituição Federal de 1988, surge a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9.394/96, que favoreceu o reconhecimento e valorização da diversidade e singularidade do campo, de forma a adequar o ensino a realidade de cada um. A LDB de 1996, em seu artigo 28, estabelece uma educação básica para toda a população, cujos conteúdos curriculares e metodologias estejam integrados aos interesses e necessidades dos educandos, dando autonomia para a organização do calendário escolar de acordo com as atividades e trabalhos desenvolvidos na comunidade. Vejamos a transcrição desse artigo:

Na oferta da educação básica para a população rural, os sistemas de ensino proverão as adaptações necessárias à sua adequação, às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

- I- conteúdos curriculares e metodologia apropriada às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;
- II- organização escolar própria, incluindo a adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;
- III- adequação à natureza do trabalho na zona rural. (LDB nº 9.394/96).

É importante destacar que, em 1998, foi criada a “Articulação Nacional por uma Educação do Campo”, entidade supra-organizacional que passou a promover e gerir as ações conjuntas pela escolarização dos povos do campo em nível nacional. Com a criação desta entidade, muitas conquistas foram alcançadas para o sucesso da educação do campo, como as duas Conferências Nacionais por uma Educação Básica do Campo -

em 1998 e 2004, a instituição pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, em 2002; e a instituição do Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo (GPT), em 2003. Destaca-se, ainda, a criação, em 2004, no âmbito do Ministério da Educação, da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECADI), à qual se vinculou a Coordenação Geral de Educação do Campo, significa a inclusão na estrutura estatal federal de uma instância responsável, especificamente, pelo atendimento dessa demanda a partir do reconhecimento de suas necessidades e singularidades (BRASIL, 2007, p.12).

Em se tratando da definição básica do conceito de educação do campo e a quem se destina, essa pode ser vista no artigo 1º da Resolução nº 2, de 28 de abril de 2008, que estabelece as “diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas para a Educação Básica do Campo”, está explícito que:

A Educação do Campo compreende a Educação Básica em suas etapas de Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação Profissional Técnica de nível médio integrada com o Ensino Médio e destina-se ao atendimento às populações rurais em suas mais variadas formas de produção da vida - agricultores familiares, extrativistas, pescadores artesanais, ribeirinhos, assentados e acampados da Reforma Agrária, quilombolas, caiçaras, indígenas e outros (BRASIL, 2008).

Percebe-se, aqui, portanto, a valorização e o reconhecimento público das lutas do Movimento Nacional dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST.

Verifica-se, portanto, que o conceito de educação no campo passa a ser compreendido como educação do campo. A esse respeito Breitenbach (2011, p.121) enfatiza que

Com base nas definições de educação do campo e escolas do campo, contidas nas Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo e também no próprio conceito de educação descrito na LDBEN 9394/96, o conceito de educação do campo supera as significações de educação no campo ou para o campo, entendidas pelos movimentos sociais, como uma educação que não é própria do campo, que não respeita as singularidades e nem é produzida pelo povo a quem se destina.

Corroborando com Caldart (2008) o prefixo no é relativo ao direito que o povo tem de ser educado no lugar onde vive; já o prefixo do, indica o direito dessa educação ser pensada do lugar e com a participação desses sujeitos, vinculadas a cultura e as suas necessidades humanas e sociais. Deste modo, preferimos utilizar o conceito educação do campo neste trabalho, no sentido de termos um programa que pensa na oferta de uma educação pautada na realidade local.

Com um grande significado para educação do campo, foram aprovadas, em 2001, pelo Conselho Nacional de Educação, as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas do Campo. Tais diretrizes promoveram o reconhecimento e valorização da diversidade dos povos do campo, a formação diferenciada de professores, a possibilidade de diferentes formas de organização da escola, a adequação dos conteúdos às peculiaridades locais, o uso de práticas pedagógicas contextualizadas, a gestão democrática, a consideração dos tempos pedagógicos diferenciados, a promoção, através da escola, do desenvolvimento sustentável e do acesso aos bens econômicos, sociais e culturais (BRASIL, 2007, p.17).

Em consonância com o Documento Final da Conferência Nacional de Educação 2010, observa-se que tais avanços educacionais estão vinculados à organização da população e de suas lutas sociais por garantia de direitos.

A educação pública vem sendo produzida historicamente nos embates político-sociais, a partir da luta em prol da ampliação, da laicidade, da gratuidade, da obrigatoriedade, da universalização do acesso, da gestão democrática, da ampliação da jornada escolar, da educação de tempo integral, da garantia de padrão de qualidade. Esses aspectos vinculam-se à criação de condições para a oferta de educação pública, envolvendo a educação básica e superior, tendo por base a concepção de educação de qualidade como direito social (CONAE, 2010, p. 61).

Em se tratando da oferta de ensino de qualidade como garantia de direito, é necessário que compreendamos que significado tem essa qualidade. Pois, como se tem no Documento Referência da Conferência Nacional de Educação 2014 o conceito de qualidade é complexo e para compreendemos no âmbito educacional é necessário presumir o que se julga uma boa ou má qualidade nos fenômenos sociais.

Na condição de um atributo, a qualidade e seus parâmetros integram sempre o sistema de valores da sociedade, sofrem variações de acordo com cada momento histórico, de acordo com as circunstâncias temporais e espaciais. Por ser uma construção humana, o conteúdo conferido à qualidade está diretamente vinculado ao projeto de sociedade, relacionando-se com o modo pelo qual se processam as relações sociais, produto dos confrontos e acordos dos grupos e classes que dão concretude ao tecido social em cada realidade (CONAE, 2014, p. 58).

Ainda, a esse respeito, da educação de qualidade, o referido documento aborda que a emancipação do sujeito é o alvo da qualidade que se busca na educação. A formação do sujeito está vinculada aos “aspectos culturais, antropológicos, econômicos e políticos, para o desempenho de seu papel de cidadão no mundo. Nesse sentido, o ensino de qualidade está intimamente ligado à transformação da realidade” (idem).

Corroborando com Arroyo (1998, p.15) estamos em um tempo propício, oportuno, histórico para repensar radicalmente a educação, porque o campo no Brasil está passando por tensões, lutas, debates, organizações, movimentos extremamente dinâmicos. Nesse sentido, a oferta de um ensino de qualidade no campo perpassa por grandes investimentos, necessitando de políticas públicas que favoreçam a oferta desse ensino com eficácia e qualidade.

As mais modernas tecnologias da informação e comunicação (TIC) devem ser inseridas neste contexto como um meio facilitador da oferta de educação no campo. Muitos lugares longínquos sofrem ainda com a locomoção de alunos do campo para grandes centros urbanos, principalmente jovens e adultos que estão no ensino médio. Uma proposta de reversão deste quadro é o uso das TIC, favorecendo o ensino de qualidade, garantindo a permanência do sujeito no campo.

Acredita-se que as experiências vividas e o conhecimento acumulado nos debates são fontes importantes para a proposição de projetos e ações educacionais para esses sujeitos.

não se trata de “inventar” um ideário para a Educação do Campo; isso não repercutiria na realidade concreta. O grande desafio é abstrair das experiências e dos debates, um conjunto de ideias que possam orientar o pensar sobre a prática de educação da classe trabalhadora do campo; e, sobretudo, que possam orientar e projetar outras práticas e políticas de educação (CALDART, 2004, p. 16).

Conclui-se, portanto, que a educação do campo necessita de maiores investimentos para que as crianças, jovens, adultos, homens, mulheres, trabalhadores rurais usufruam dos seus direitos educacionais como todo cidadão brasileiro.

1.2. O uso das tecnologias de informação e comunicação (TIC) na educação

Estamos tratando de um assunto novo, por mais tempo que tenham as lutas pela democratização da educação. A educação do campo, como visto anteriormente, só veio a ganhar o verdadeiro espaço com a promulgação da Constituição Federal de 1988. Por outro lado, a oferta de educação no campo ainda passa por obstáculos, e nem todos os níveis e modalidades de ensino são oferecidos, como por exemplo, o ensino médio.

Destarte, fazer com que, no campo, seja oferecida a educação básica para a população rural é um desafio que pode ser abordado com o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). As TIC têm adentrado, cada vez mais, no cenário educacional brasileiro e podem contribuir para a oferta de uma educação de qualidade também no campo.

É importante destacar que vivemos a primazia do acesso à informação, ao conhecimento, ao saber. Em outras palavras, vivemos um discurso tecnológico ou, como preferimos denominar, um discurso do acesso (MILL, 2010, p.45). Podemos afirmar, ainda, que, na atualidade, a informação deixa de ser o meio para atingir a felicidade e passa a ser ela mesma a própria felicidade. O acesso à felicidade torna-se o acesso à informação (FAVACHO e MILL 2007, p. 203 *apud* Mill, 2010, p. 45).

Para esses autores, nos tempos atuais, com o advento das TIC, a informação, como mercadoria, tem valor em si mesma.

A informação tornou-se uma mercadoria estrutural das relações capitalistas contemporâneas, distinguindo-se da economia natural do feudalismo, do capital comercial (início da produção capitalista), da industrialização (avanço da produção técnica capitalista) e da globalização (processo de internacionalização do capital). Entretanto, é na industrialização e, sobretudo na globalização, que esta mercadoria (informação) ganha progressivo destaque. Atualmente, tendo por base as tecnologias digitais, a informação deixa de ser um meio para se atingir um valor econômico e social e passa a ser ela

mesma o próprio valor (FAVACHO e MILL 2007, p. 201 *apud* MILL, 2007 p. 44).

Conceitualmente, a informação é o resultado do processamento, manipulação e organização de dados, de tal forma que represente uma modificação (quantitativa ou qualitativa) no conhecimento do sistema (pessoa, animal ou máquina) que a recebe (SERRA, 2007). A esse respeito Fiorentini (2009, p. 137) destaca que “[...] a informação não é estática e está acessível em múltiplos lugares (open learning) e pode ser obtida de forma gratuita por meio de enlaces virtuais (hiperlinks); a informação está organizada em várias linguagens de comunicação e de múltiplas formas: escrita, sonora, audiovisual, multimidiática”. Sendo assim, a mesma autora questiona: “Como pensar ensino e aprendizagem nesse cenário? Como estruturar a docência preservando o protagonismo e a condição ativa do aprendiz e, ao mesmo tempo, proporcionar-lhe experiências significativas?” (*idem*).

Para Bastos (2000 *apud* BRITO e PURIFICAÇÃO, 2008, p. 22), a presença da tecnologia em todos os setores da sociedade constitui um dos argumentos que comprovam a necessidade de sua presença na escola e, principalmente, na formação de um cidadão competente quanto ao seu instrumental técnico, mas, principalmente, no que se refere à interação humana e aos valores éticos.

Assim, devemos pensar o ensino e a aprendizagem neste cenário da informação, acreditando ser necessária a formação de um cidadão capaz de interagir com o seu meio, que é evidentemente tecnológico.

O mundo contemporâneo sofre, inegavelmente, a intervenção das tecnologias; seja no meio urbano ou rural, uma ou outra tecnologia se faz presente e necessária. Assumimos, então, educação e tecnologia como ferramentas que podem proporcionar ao sujeito a construção de conhecimento, preparando-o para saber criar artefatos tecnológicos, operacionalizá-los e desenvolvê-los (BRITO e PURIFICAÇÃO, 2008, p. 23).

Como afirmam Mill & Jorge (2007, *apud* MILL 2007, p. 47), as tecnologias, desde as mais simples a mais complexas, estão inseridas no cotidiano dos sujeitos contemporâneos diferente da vida de muitos adultos.

A construção do conhecimento relaciona-se diretamente às tecnologias, representadas por processos ou artefatos. Nos tempos atuais, as crianças e adolescentes convivem “naturalmente” com artefatos e processos bastante complexos, do ponto de vista de adultos não nativos ciberculturais. Parece que os processos mentais de quem nasceu e convive cotidianamente com as tecnologias digitais são de uma ordem mais “natural” que os processos mentais de quem vem de outra cultura e precisa adequar-se a essas tecnologias. Decorre daí que as novas gerações sejam apelidadas de gerações nativas do ciberespaço e as gerações “estrangeiras”, vindas de outras culturas, mesmo que culturas grafocêntricas, sejam apelidadas de imigrantes do ciberespaço. (MILL 2007, p. 47)

De fato, hoje, grande parte da população que frequenta as escolas são crianças, adolescentes e jovens que estão rodeadas das tecnologias contemporâneas, com capacidade superior a de muitos professores de usufruir das ferramentas digitais. Por isso, se faz necessário que professores busquem formação, constantemente, para se inteirarem deste mundo tecnológico.

Lévy (1999, p. 172 *apud* MILL, 2007 p. 47-48) questiona e argumenta a permanência de tais meios tecnológicos na sala de aula, não como uso repentino e obrigatório, mas como um meio de acompanhar a realidade atual.

Como manter as práticas pedagógicas atualizadas com esses novos processos [da cibercultura] de transação do conhecimento? Não se trata aqui de usar as tecnologias a qualquer custo, mas sim de acompanhar consciente e deliberadamente uma mudança de civilização que questiona profundamente as formas institucionais, as mentalidades e a cultura dos sistemas educacionais tradicionais e, sobretudo, os papéis de professor e de aluno.

Ou seja, não é preciso que os educadores utilizem obrigatoriamente essas novas ferramentas digitais, mas sim que mudem sua prática pedagógica em consonância aos avanços que temos vivido.

Mas qual a melhor tecnologia para utilizar na sala de aula? A resposta a essa pergunta parece encontrar-se na afirmação de Mill (2007, p.52) de que a tecnologia mais adequada a determinado objetivo é sempre aquela que não vai atrapalhar. Dito de outra forma, a melhor tecnologia é aquela à qual o aluno tem acesso e que o auxilia na construção do conhecimento.

Então: que se pode fazer para aperfeiçoar a educação mediada por tecnologias? Fiorentini (2009, p. 147) nos indica uma resposta.

Equacionar adequadamente locais, horários, calendários, presença, distância, linguagens de comunicação e meios tecnológicos, inclusive de forma híbrida [*blended learning*] na educação superior, por meio de um sistema de trocas contínuo com a sociedade e seu desenvolvimento humano, científico, cultural, tecnológico, com compromisso social.

Torna-se evidente, então, que o uso das tecnologias deve estar relacionado à realidade do estudante. Não é necessário um uso obrigatório, mas sim a utilização de uma ferramenta tecnológica eficaz na construção do conhecimento. É preciso avaliar o uso das TIC, no ensino-aprendizagem e a forma no qual está ocorrendo a troca com a sociedade e o desenvolvimento humano.

Como enfatiza Mill (2007, p. 45-46) os avanços tecnológicos permitiram a comunicação em massa, diminuindo as distâncias e favorecendo o diálogo entre as pessoas.

As tecnologias comunicacionais anteriores ao digital (televisão, rádio, escrita, carta, etc.) possibilitavam a comunicação em massa – com padronização da informação e limitações na dialogicidade da comunicação -, permitindo atingir grande público de uma única vez. As tecnologias telemáticas (digitais) avançam nesse sentido e possibilitam, além da comunicação em massa, a personalização da informação. Isso rompe a necessidade de padronização da informação e as limitações de tempo e espaço, e ainda possibilita e enriquece o diálogo entre as partes interessadas.

Tais recursos tecnológicos podem ser utilizados no oferecimento do ensino com o uso das TIC. Não somente na prática pedagógica, como também na transmissão de aulas, como videoconferência e webconferência. Esse é o caso do programa Ensino Médio com Intermediação Tecnológica – EMITec no estado da Bahia, objeto da presente monografia, cujas aulas são no campo, veiculadas por meio de uma moderna plataforma de telecomunicações, que inclui possibilidades de videoconferência e acesso simultâneo à comunicação interativa entre usuários empregando IP (Internet Protocol), por satélite. As aulas acontecem regularmente, os estudantes vão de segunda a sexta-

feira à escola, e participam das aulas com professores especializados. As aulas são transmitidas diretamente do Instituto Anísio Teixeira (IAT), em Salvador, Bahia.

A realidade da educação brasileira mostra que, segundo dados do Censo Escolar de 2004, 831.173 estudantes de Ensino Médio no Brasil são transportados para as escolas urbanas, pois residem em localidades sem a existência de Unidades Escolares para o Ensino Médio. Em se tratando do estado da Bahia os dados apresentam um número de 125.125 estudantes.

Buscando contribuir para a superação dessa realidade, o programa em análise parece trazer também uma contribuição à meta proposta pelo Plano Nacional de Educação (PNE) relacionada à renovação do ensino médio.

Institucionalizar política e programa nacional de renovação do ensino médio, a fim de incentivar práticas pedagógicas com abordagens interdisciplinares estruturadas pela relação entre teoria e prática, por meio de currículos escolares com conteúdos obrigatórios e eletivos, articulados em dimensões como ciência, trabalho, linguagens, tecnologia, cultura e esporte, garantindo a aquisição de equipamentos e laboratórios, a produção de material didático específico, a formação continuada de professores e a articulação com instituições acadêmicas, esportivas e culturais (PNE, 2012-2020, Meta 3, Estratégia 3.1).

Nesse sentido, o programa EMITec segue as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica, criada através da Resolução N° 4, de 13 de julho de 2010, em especial, no que se refere ao

estímulo à criação de métodos didático-pedagógicos utilizando-se recursos tecnológicos de informação e comunicação, a serem inseridos no cotidiano escolar, a fim de superar a distância entre estudantes que aprendem a receber informação com rapidez utilizando a linguagem digital e professores que dela ainda não se apropriaram. (Resolução CNE/CEB 4/2010, Art. 13. § 3º; VII).

Destarte, em conformidade com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9.394/96, o programa vigente busca garantir aos sujeitos o direito à educação no lugar onde moram, respeitando os seus saberes, a cultura local e suas peculiaridades, buscando atender às finalidades dessa etapa da educação básica

Art. 35. O ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidades:

- I - a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;
- II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;
- III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;
- IV - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina (LDB 9.394/96, Artigo 35).

Assim, muda a concepção de tempo e espaço já consolidada nas relações sociais e, como afirma Harvey (2001), novos tempos e espaços são experimentados pela sociedade atual. Lévy (1999) denomina de ciberespaço essa nova abordagem, em que tempos e espaços são menos palpáveis (MILL, 2007, p. 46).

Na virtualidade, também a noção de presencialidade é alterada e isso deve ser levado em conta nos processos formativos, especialmente aqueles mediados por tecnologias. A esse respeito, em Fiorentini (2009, p. 147) vamos encontrar o seguinte esclarecimento:

O desenvolvimento tecnológico permite cada vez mais presencialidade pela redução da distância, ressignificada por meio da virtualidade – não se trata, portanto, de eliminar o presencial, a contiguidade espacial, a interação face a face. Estamos diante de uma excelente oportunidade para rever a presencialidade e sua proporção nos processos formativos, os momentos em que é imprescindível, já que há muitas atividades que ele pode realizar individualmente em seu ambiente usual de atuação, incorporando-a sempre que o diálogo, as trocas, a colaboração, a cooperação e o contexto sejam significantes e relevantes para o aprendiz.

Partindo destas considerações, compreende-se que, no processo de ensino-aprendizagem, as trocas de conhecimento, o diálogo, são importantes, mas não necessariamente todos precisam estar num mesmo local físico, pois esses processos podem ocorrer virtualmente, criando novas possibilidades de oferta do ensino.

Sendo o acesso às tecnologias da informação e da comunicação, cada vez mais, crucial para a ampla democratização do conhecimento como salienta Abreu, (1999a *apud* ABREU e TELES, 2009, p. 192) seria incoerente não incorporar as tecnologias

digitais no processo de formação dos cidadãos, principalmente quando consideramos que esses novos cidadãos são nativos de um mundo “naturalmente” composto de tecnologias telemáticas (MILL, 2007, p. 52).

Por outro lado, há os que pensam a tecnologia como fim e não como meio (FIORENTINI, 2009, p. 147). E essa ideia se reflete no mau uso das TIC no sistema educacional, bem como na prática pedagógica, podendo daí originar não preconceito contra os estudantes de ofertas educacionais que fazem uso da intermediação tecnológica, sobretudo na Educação a Distância.

É válido e oportuno destacar que em muitos lugares os estudantes paravam os estudos porque não havia possibilidade de prosseguir, seja por falta de oferta local ou porque era preciso sair da sua comunidade ou povoado para estudar na cidade, o que trazia grandes dificuldades. O transporte de péssima qualidade, o tempo gasto, o cansaço desestimulante, são, entre outras, precariedades enfrentadas por muitos estudantes, entre eles os do ensino médio de populações campestres, que passam três anos ou mais estudando longe de casa.

A utilização das TIC na educação tem o potencial de transformar essa realidade. As políticas públicas relacionadas aos temas do ensino médio, da diversidade, do uso de tecnologias na educação apresentam propostas que caminham nessa direção.

Contudo, em relação ao Projeto Ensino Médio com Intermediação Tecnológica – EMITec, o advento das TIC e de seu uso na educação trouxeram novos rumos para a formação de jovens do povoado de Angico, na Bahia? Esse avanço tem trazido benefícios para os estudantes e suas famílias, bem como para a comunidade assistida? Que potencialidades e limites este projeto apresenta em sua implementação? Os resultados da pesquisa desenvolvida que serão apresentados no capítulo quatro pretendem dar essa resposta.

II- CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO, DO POVOADO E DO PROJETO PESQUISADOS

2.1. A cidade de Carinhanha, na Bahia, e o povoado de Angico

Banhada pelo grande rio da unidade nacional, o Rio São Francisco, e também por um de seus afluentes, o Rio Carinhanha, de onde se origina o seu nome, a cidade de Carinhanha é um município baiano que está localizado, por via rodoviária, a 900 km de Salvador, na divisa com Minas Gerais. Carinhanha é contemplada com a beleza natural do encontro dos dois rios Carinhanha e São Francisco.

Carinhanha, emancipada desde 1909, é uma cidade centenária que tem uma cultura popular riquíssima, com a presença de ternos, contradanças, sambas de roda, reis de boi, Festejos do Divino Espírito Santo com a dança dos Caboclos, e demais folguedos que dão beleza e características peculiares à cultura carinhanhense.

Uma cidade de grande abrangência rural, Carinhanha tem, em suas dependências, povoados, agrovilas, quilombos e comunidades. Dentre estes, está o povoado de Angico que fica situado à margem esquerda do Rio São Francisco a 30 km da sede do município. Como descreve Souza (2007, p.19), o povoado tem sua origem em uma fazenda.

Originalmente, Angico era apenas nome de uma Fazenda Geral (...). Os registros eclesiásticos definem assim a referida fazenda: Fazenda dos Angicos, situada à margem esquerda do Rio São Francisco. Limita-se ao poente com a Fazenda Salinas; ao Norte com a Fazenda do Espírito Santo; ao Sul com a Fazenda do Riacho. Está registrada sob o nº 15, como posse de José Joaquim Machado, às folhas 8v. e 9 com data de 1859.

No ano de 1960, as terras foram adquiridas pelo Sr. Manoel Simplício dos Santos, que, por conseguinte vendeu-as ao Sr. José Ferreira Filho. Após anos, a Prefeitura Municipal, na gestão de José Viana Lélis, comprou a referida fazenda. Contam os antigos moradores que havia uma feira aos domingos embaixo de um grande espinheiro, ali juntavam-se várias pessoas da redondeza para vender, comprar e fazerem trocas de produtos agrícolas e outros. O povoado em que, no início, habitavam poucas famílias recebeu vários nomes como: Coréa, Barra da Casca, Fazenda Riacho. Mas,

devido a grande existência da vegetação nativa de “Angico”, o Povoado recebeu o nome de Angico.

Com o passar dos tempos, foram chegando novas famílias e o que era uma fazenda foi se estendendo até torna-se um povoado. Angico tem sua economia centrada na exploração do Rio São Francisco, grande parte de seus moradores são pescadores e sobrevivem da pesca. Atualmente, o povoado tem recebido investimento de empresários na plantação e produção de frutas, que são exportadas para grandes centros comerciais nacionais e internacionais. Sua população está, aproximadamente, em 1.800 habitantes.

O sistema de transportes do povoado é representado pelas hidrovias e rodovias. O porto fluvial é movimentado por barcos e jonços (pequenas embarcações feitas de alumínio, funcionam a motor, sendo maiores que os barcos) que servem para transportar produtos que vem da ilha como peixes, abóbora, melancia, milho verde, feijão verde e peixes.

2.1.1. O sistema de ensino de Carinhanha e a oferta educacional em Angico

A respeito do sistema de ensino do município de Carinhanha, esse tem como responsável a Secretaria Municipal de Educação (SEMEC), que conta com apoio pedagógico e financeiro dos Governos Estadual e Federal. Atualmente, o sistema educacional é composto por 9 (nove) escolas e uma Creche na zona urbana, 15 (quinze) escolas na zona rural, sendo que uma delas localiza-se na Vila São João com uma sala de Educação Inclusiva.

São ofertados pela rede municipal de ensino a Educação Infantil, o Ensino Fundamental de nove anos, implantado desde 2007, de acordo a lei federal 11.274 de 6 de fevereiro de 2006, a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Além das etapas e da modalidade de ensino citadas anteriormente, nos últimos anos, a Secretaria Municipal de Educação de Carinhanha (SEMEC) aderiu a alguns programas e projetos, como os programas estadual e federal de alfabetização de adultos Todos Pela Alfabetização – TOPA e Brasil Alfabetizado, além do Programa Mais Educação que atende aos estudantes no contra turno na proposta da escola em tempo integral. Desde 2008, todas as escolas da rede municipal de ensino aderiram ao Projeto Educando com a Horta

Escolar que tem como foco principal integrar as diversas fontes e recursos de aprendizagem, integrando ao dia a dia da escola, gerando fonte de observação e pesquisa e exigindo uma reflexão diária por parte dos educadores e educandos envolvidos. No intuito de ofertar uma educação de qualidade para todos, Carinhanha foi contemplada com o Núcleo de Atendimento Educacional de Inclusão de Carinhanha (NAEIC) que conta com atendimento especializado de Psicopedagogos, Psicólogo e Assistente Social a estudantes com necessidades especiais.

Também, faz parte do sistema educacional o colégio de Ensino Médio o Colégio Estadual Coronel João Duque, que tem sede fixa no centro da cidade e oito extensões escolares na zona rural, entre elas a oferta do programa EMITec, do qual falaremos mais adiante.

Pensando na importância da continuidade dos estudos, principalmente para adultos trabalhadores da zona rural, em 2010, a Prefeitura Municipal de Carinhanha assinou Convênio com a Secretaria Estadual de Educação da Bahia para garantir a oferta do Ensino Médio por meio do Programa Ensino Médio com Intermediação Tecnológica – EMITec nos povoados de Angico e Capinão.

Tendo em vista que uma educação de qualidade se faz através de profissionais capacitados, a Secretaria Municipal de Educação de Carinhanha entende que a valorização e capacitação dos profissionais são de suma importância para a melhor oferta de ensino. Por isso, no último ano, encaminhou para a Câmara Municipal de Vereadores, onde foi aprovado, o Plano de Cargos e Salários do Magistério.

Considerando que a valorização não é somente financeira, desde 2007, Carinhanha foi contemplada com o Programa Universidade Aberta do Brasil (UAB), um programa do Governo Federal que objetiva ampliar e interiorizar a oferta de cursos e programas de educação superior, por meio da educação a distância. Foi, então, criado o Polo Educacional Dona Carmen para atender às demandas da educação superior e formação continuada de professores. A princípio, foram ofertados os cursos de Pedagogia e Letras pela Universidade de Brasília (UnB), o que fez emergir na educação municipal novos rumos. Atualmente, são ofertadas no polo duas turmas do curso de Pedagogia e duas do curso de Letras pela Universidade de Brasília. Também são

ofertados pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) os cursos Pedagogia, Matemática, Biologia e Administração Pública, sendo duas turmas de cada curso.

Além dessa oferta, por uma parceria entre a Secretaria de Educação do Estado e a Universidade do Estado da Bahia, foram ofertados, na modalidade presencial, três cursos: Matemática, História e Geografia; em 2012, aproximadamente 110 professores da rede pública municipal concluíram o nível superior.

Quanto à oferta educacional no povoado de Angico, a mesma está concentrada na Escola Municipal Luís Viana Filho, única escola existente no povoado, que fica situada à Rua 05 de Maio. Nesse local, uma sala do prédio da escola é cedida para o Programa Ensino Médio com Intermediação Tecnológica (EMITec). Além de estudantes das adjacências, a escola atende também outras comunidades rurais de fazendas próximas ao povoado, entre elas: Três Ilhas e Mel de abelha.

A proposta pedagógica da escola está pautada nos princípios do Programa Educando com a Horta Escolar, programa em desenvolvimento em todas as escolas da Secretaria Municipal de Educação de Carinhanha, como já citado. No último ano, a escola aderiu ao programa MAIS EDUCAÇÃO, que atende os estudantes no contra turno com oficinas de letramento, esporte música, entre outros.

Sobre sua estrutura física, a Escola Municipal Luís Viana Filho, dispõe de um espaço para atender, aproximadamente, 400 estudantes. Possui oito salas de aula, uma sala de professores, uma sala de Direção, uma cantina, dois banheiros femininos e dois masculinos para estudantes e um banheiro para professores e funcionários, uma diretoria, uma sala com 10 computadores (sem *internet*), um pátio e uma quadra poliesportiva. Os estudantes da escola são de famílias de renda baixa e média. São oferecidos Educação Infantil, Ensino Fundamental do 1º a 9º ano, Educação de Jovens e Adultos (EJA), a um total de 401 estudantes, nos períodos matutino, vespertino e noturno. A escola também oferece o Ensino Médio, através do programa Ensino Médio com Intermediação Tecnológica (EMITec), cuja responsabilidade pedagógica é do Colégio Estadual Coronel João Duque.

Com a chegada desse programa ao povoado, muitos estudantes tiveram a oportunidade de prosseguir seus estudos, principalmente os estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) que, em sua maioria, são trabalhadores que não tinham

condições de ir estudar na sede do município. Conforme seu Projeto Político Pedagógico, espera-se que a escola ofereça um ensino de qualidade, favorecendo a permanência dos moradores no povoado.

2.2. Programa Ensino Médio com Intermediação Tecnológica – EMITec

Como asseguram a Constituição Federal de 1988 e a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB), Lei 9394/96, é dever da família e do poder público garantir o acesso à educação a todos os cidadãos brasileiros. O Art. 205 da Constituição Federal de 1988 dispõe que “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Entre os princípios que regem a oferta educacional disciplinados pelo Art. 206, destacam-se, no inciso I, a “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola e, no inciso VII, a “garantia de padrão de qualidade”. O Art. 208 assegura que “educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade, inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria”. No inciso II, este artigo constitucional dispõe a “progressiva universalização do ensino médio gratuito” e, no parágrafo 1º, que “o acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público subjetivo”, ou seja, deve ser ofertado pelo poder público, podendo recorrer judicialmente o cidadão que se ver prejudicado nesse seu direito. A oferta do ensino médio é disciplinada no Art. 211, § 3º, que atribui essa competência de oferta prioritária aos Estados e o Distrito Federal.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9394/96, reforça, em seu texto, esses dispositivos constitucionais. Dispõe, em seu Art. 22 que “a educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”, objetivos estes reafirmados no Art. 35 que trata das finalidades do Ensino Médio. Neste sentido, é direito do cidadão realizar e prosseguir os estudos com qualidade.

Todavia, existem impedimentos que dificultam a efetivação desses direitos e deveres. Entre outros, muitos moradores de localidades interioranas, principalmente da

zona rural, encontram dificuldades para realizar os estudos. Por um lado, pela inviabilidade de oferta educacional pelo próprio município, no caso do ensino médio, um dever estadual. Por outro lado, em consequência dessa ausência local de oferta, alguns estudantes precisam se deslocar de suas casas em transportes precários fornecidos pelo governo e vão até as cidades para estudar, enfrentando, muitas vezes, desafios maiores que os próprios estudos. Ressalte-se, ainda, muitas pessoas abandonam os estudos pela necessidade que têm de trabalhar, para manter não só o seu sustento como também o da família. Por isso, torna-se impossível se deslocarem da sua localidade para estudar em lugares distantes.

Como já apresentado anteriormente, o número de pessoas que precisam se deslocar para estudar em centros urbanos é alarmante, segundo dados do Censo Escolar chega a ser 831.173.

A intenção de reversão deste quadro não é nova. Entre as metas propostas pelo Plano Nacional da Educação (PNE 2001-2010) já acenava para isso.

Formular e implementar, progressivamente, uma política de gestão da infraestrutura física na educação básica pública, que assegure: a) o reordenamento, a partir do primeiro ano deste Plano, da rede de escolas públicas que contemple a ocupação racional dos estabelecimentos de ensino estaduais e municipais, com o objetivo, entre outros, de facilitar a delimitação de instalações físicas próprias para o ensino médio separadas, pelo menos, das quatro primeiras séries do ensino fundamental e da educação infantil;

b) a expansão gradual do número de escolas públicas de ensino médio de acordo com as necessidades de infraestrutura identificada ao longo do processo de reordenamento da rede física atual (PNE 2001-2010, 3.3 Objetivos e Metas).

A proposta para o novo Plano Nacional da Educação (PNE 2011-2020) estabelece, entre suas estratégias:

3.9) redimensionar a oferta de ensino médio nos turnos diurno e noturno, bem como a distribuição territorial das escolas de ensino médio, de forma a atender a toda a demanda, de acordo com as necessidades específicas dos(as) estudantes(as);

3.11) desenvolver formas alternativas de oferta do ensino médio para atender aos filhos e filhas de profissionais que se dedicam a atividades de caráter itinerante (PNE 2011-2020, Meta 3);

Estas parecem ser questões com as quais o programa em análise tem uma aproximação. Buscando cumprir seu dever constitucional e legal na oferta de um ensino médio de qualidade, especificamente aos jovens e adultos de comunidades rurais e quilombolas, o Governo do Estado da Bahia, através da Secretaria Estadual de Educação, criou o programa Ensino Médio com Intermediação Tecnológica – EMITec. O programa é apoiado por um grupo de profissionais, dentre gestoras/gestores, professoras/professores e técnicas/técnicos que têm como missão fundamental propiciar o acesso de estudantes de localidades longínquas do estado da Bahia aos anos finais da Educação Básica com a utilização de tecnologias educacionais e digitais.

O programa EMITec, criado em 2011, regulamentado pela portaria nº 424/2011, publicada em Diário Oficial de 21 de janeiro de 2011, se utiliza de redes de serviços de comunicação multimídia integrado por dados, som e imagem. Tem por proposta ofertar o Ensino Médio aos estudantes que residem e trabalham em localidades distantes ou de difícil acesso às escolas estaduais, através de aulas via satélite, bem como suprir a necessidade de profissionais com formação específica nas áreas de ensino.

É importante destacar que antes da realização do programa EMITec, deu-se início, no ano de 2009, na Escola Municipal Luís Viana Filho, ao programa Ensino Médio no Campo – EMC@MPO que seria ofertado na modalidade a distância. Porém, naquele ano, as mídias não foram instaladas e nem a *internet* ativada, por isso, as aulas foram presenciais, tendo apenas três professores que dividiram as disciplinas entre si. Após a reestruturação e ativação dos equipamentos de mídias, iniciou-se a implantação do programa EMITec.

Assim, a Secretaria Estadual de Educação busca ir ao encontro do estudante, ultrapassando limites e barreiras, estreitando os espaços e garantindo o acesso a educação a todos os moradores longínquos, atendendo a sociedade baiana. Busca, dessa forma, cumprir o estabelecido no Plano Nacional de Educação (PNE 2001-2010), principalmente no âmbito da meta de expandir a oferta do ensino médio, que todos os professores tenham qualificação profissional na área de ensino e a universalização progressiva das redes de comunicação, para melhoria do ensino e da aprendizagem.

Segundo dados do site do programa <http://www.emitec.cjb.net/>, a sua proposta pedagógica está pautada nos princípios dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o

Ensino Médio (PCNEM), pois a formação do estudante tem “como alvo principal a aquisição de conhecimentos básicos, a preparação científica e a capacidade de utilizar as diferentes tecnologias relativas às áreas de atuação” (PCNEM, 2000 p.5). Também nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM), sendo o currículo formado por três áreas de conhecimento: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias; Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias e Ciências Humanas e suas Tecnologias, complementada por uma parte diversificada, destinada a atender às características regionais de cada região. E pelas Orientações Curriculares Estaduais para o Ensino Médio, e o documento Princípios e Eixos da Educação na Bahia.

Além do objetivo de assegurar o acesso, a permanência e a conclusão da educação básica a jovens e adultos que moram em localidades que não tem Unidades Escolares de Ensino Médio, possibilitando-lhes dar continuidade aos estudos em outro nível de ensino, o EMITec objetiva ainda:

- Implementar uma política pública de oferta de ensino médio regular para populações que possuem dificuldades de acesso a Unidades Escolares de Ensino Médio, tendo a intermediação tecnológica como metodologia;
- Elaborar uma proposta político pedagógica específica para o programa que respeite os saberes e a multiculturalidade da Bahia;
- Estruturar e/ou adequar os espaços escolares existentes para a intermediação tecnológica, visando atender à demanda por ensino médio;
- Promover formação inicial e continuada para professores especialistas, professores mediadores, e coordenadores, enfim para todos os envolvidos, com base no desenho teórico-metodológico do Programa. (retirado do site: <http://www.emitec.cjb.net/> em: 27/12/2012)

Por apresentar uma proposta inovadora na oferta de educação básica com a utilização de tecnologias na rede estadual, e por contar com sistemas diferenciados de avaliação para os estudantes, com atividades extraclasse baseadas no cotidiano de suas comunidades, o EMITec conquistou, em setembro de 2012, o 3º lugar na Categoria Inovação do Prêmio de Excelência Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED) Pearson em EaD.

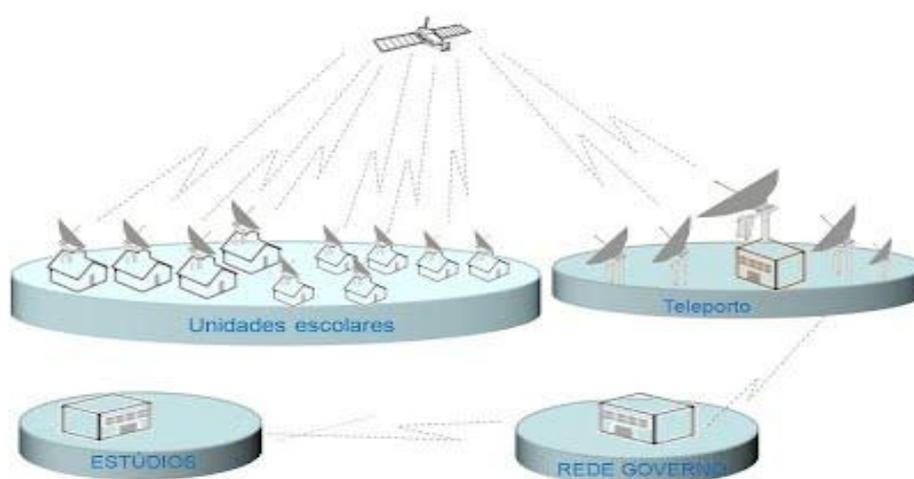
Na abertura do ano letivo de 2012, em Salvador, capital da Bahia, o Secretário de Educação disse em seu pronunciamento: "Devido ao tamanho do Estado, temos

O mediador é o professor responsável por toda a organização da sala na localidade onde se encontram os estudantes, cabendo a este profissional passar a frequência, atividades e avaliações, manter a disciplina na sala de aula, e organizar os estudantes em grupos para estudos e trabalhos na classe e fora da classe. É ofertado aos mediadores, pelo sistema, curso de capacitação sobre o EMITec e cabe aos mesmos participar e se capacitar para melhor orientar os estudantes.

O corpo docente do programa está composto por 35 professores, organizados por áreas de conhecimento, não tendo os estudantes um professor específico por disciplina. Todos os professores recebem capacitação para usufruir dos recursos tecnológicos em sala de aula, buscando fazer com que os estudantes interajam durante as aulas, possibilitando tirar dúvidas e expor suas ideias.

Como no ensino médio convencional, o EMITec tem seu calendário dividido em 200 dias letivos, sendo necessário que os estudantes frequentem 75% das aulas, no mínimo. As aulas acontecem de segunda a sexta-feira, nos três turnos. Os conteúdos do EMITec são veiculados por meio de uma moderna plataforma de telecomunicações, através de solução tecnológica desenvolvida especialmente para o programa, que inclui possibilidades de videoconferência e acesso simultâneo à comunicação interativa entre usuários, empregando IP (Internet Protocol), por satélite. Como se pode ver na imagem a seguir:

Figura 2: Esquema Solução Tecnológica – EMITec



Fonte: <http://www.emitec.cjb.net>

Outra ferramenta utilizada para a facilitação do programa é a Plataforma Moodle que pode ser acessada pelo endereço: <<http://emitec.educacao.ba.gov.br>>. Este é um ambiente virtual de aprendizagem, que tem por fim oferecer suporte teórico e metodológico aos professores mediadores do programa, bem como socializar as produções educativas dos estudantes.

Para sua oferta, o programa conta com as seguintes parcerias: Diretoria Regional de Educação e Cultura (DIREC); Superintendência de Desenvolvimento de Educação Básica / Instituto Anísio Teixeira (SUDEB/IAT); Superintendência de Recursos Humanos da Educação (SUDEPE); Superintendência de Acompanhamento e Avaliação (SUPAV); Superintendência de Organização e Atendimento da Rede Escolar (SUPEC); Unidade de Ensino de Vinculação e Municípios (U. E. DE VINCULAÇÃO).

Todo o processo é firmado através de um Convênio realizado entre a Secretaria Estadual de Educação e o Município que aderiu ao programa. De acordo, com o Convênio, cabe ao município, basicamente, a cessão de salas de aula, transporte para estudantes e professores, manutenção de pessoal local e a coordenação das atividades no município.

- Assegurar a cessão de 02 salas de aula, em perfeitas condições de conservação e funcionalidade, previstas no Parágrafo Único da Cláusula Primeira, com assunção das despesas com água, luz e quaisquer encargos sobre elas incidentes;
- assegurar o transporte para os docentes e discentes da Rede Estadual de Ensino envolvidos nas atividades do Anexo;
- designar e assegurar a manutenção dos corpos administrativo e de apoio, que deverão atuar na Unidade Escolar atendida por este Convênio.
- designar representante na secretaria municipal de educação para responder pelas responsabilidades do município no projeto;
- assegurar 01 professor mediador de base por sala de aula que deverão possuir seguintes requisitos para função: a) conhecer as questões específicas do campo e as relacionadas a localidade; b) dominar metodologia e tecnologias previstas no projeto; c) ter formação superior, preferencialmente ou curso normal de nível médio/magistério (Convênio que entre si celebram o estado da Bahia, através da Secretaria da Educação, e o município de Carinhanha para descentralização do Ensino Médio presencial com Intermediação Tecnológica). (CLÁUSULA SEGUNDA – DAS OBRIGAÇÕES do Convênio)

Em Carinhanha, o programa EMITec foi ofertado, a princípio, a partir do ano de 2011, na Escola Municipal Padre Manoel da Nóbrega, situada no povoado de Capinão e na Escola Municipal Luís Viana Filho, no povoado de Angico. Em 2012, deu-se início à preparação de equipamentos na Escola Municipal São José, na Vila São José, para a oferta do EMITec, perfazendo um total de três localidades contempladas com o programa. Em cada localidade, existem três professores mediadores, sendo um por turma, em turnos distintos, assim organizados: 1º ano no turno matutino, 2º ano no vespertino e 3º ano no noturno, conforme a demanda de estudantes e também pela disponibilização de uma única sala ao programa.

O Colégio Estadual Coronel João Duque, na sede do município de Carinhanha, é a Unidade Escolar de Vinculação responsável por disponibilizar material didático e de consumo necessários à funcionalidade do anexo e responsabilizar-se pela certificação dos estudantes. No município de Carinhanha, uma coordenadora foi nomeada pela Secretaria Municipal de Educação para orientar os professores monitores e repassar informações da plataforma *Moodle*, a qual somente ela tem acesso.

Como dito anteriormente, no povoado de Angico, o programa EMITec funciona numa sala cedida pela Escola Municipal Luís Viana Filho. Na referida escola, o responsável pelo programa é o próprio professor monitor, cabendo a ele responder por todas as necessidades do programa. É importante enfatizar que os estudantes realizam a sua matrícula no Colégio Estadual Coronel João Duque, no mesmo período de matrícula da rede estadual. No último ano letivo, foram matriculados 23 estudantes no 1º ano, ficando 13 frequentes; 20 estudantes no 2º ano, terminando com 17 frequentes; e, 16 estudantes no 3º ano, dos quais 10 concluíram o ensino médio.

Todavia, as vantagens e desvantagens do programa EMITec serão apresentadas mais à frente na análises dos dados coletados por meio da pesquisa de campo.

III- PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Inicialmente, é importante destacar que, segundo o Censo Escolar de 2004, o número de estudantes de Ensino Médio no Brasil que residem em localidades sem a existência de Unidades Escolares para o Ensino Médio e que são transportados para as escolas urbanas chega a 831.173. No estado da Bahia esse número atinge um total de 125.125 estudantes.

Verifica-se, dessa forma, o quanto é necessário que se desenvolva políticas públicas que favoreçam a transformação desta realidade.

Neste sentido, o Governo do Estado da Bahia, por meio da Secretaria da Educação, criou o Programa Ensino Médio com Intermediação Tecnológica - EMITec, um programa que utiliza das TIC para levar o ensino médio a jovens e adultos que, prioritariamente, residem em localidades distantes dos centros de ensino onde há oferta do ensino médio, ou que sejam de difícil acesso. Como já referido anteriormente, o programa se faz presente em 342 localidades de 126 municípios baianos, entre estes o povoado de Angico, em Carinhanha.

A presente pesquisa buscou investigar o potencial e os limites do Programa Emitec para a formação de jovens do Ensino Médio do povoado de Angico.

3.1. Abordagem, tipo e procedimentos da pesquisa

Durante muito tempo, os estudos quantitativos foram utilizados como principal meio na obtenção de resultados e descrição de objetos no campo educacional. Porém, na atualidade, outra abordagem tem sido promissora nos trabalhos de investigação: a pesquisa qualitativa. Essa abordagem da pesquisa teve início no campo da Antropologia e da Sociologia e, a partir da década de 70, passou a fazer parte dos estudos da área educacional.

Para Maanen (1976, p. 520 apud NEVES, 1996, p.1), a pesquisa qualitativa compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Dessa forma, a abordagem qualitativa valoriza o sujeito participante do caso pesquisado, suas

representações e opiniões, permitindo ao pesquisador um maior contato com o fenômeno estudado e possibilitando sua interpretação a partir dos sujeitos envolvidos. Como evidencia Gonsalves (2007, p. 69) “a pesquisa qualitativa preocupou-se com a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão às suas práticas, o que impõe ao pesquisador uma abordagem hermenêutica”.

O presente trabalho se fundamentou na abordagem qualitativa da pesquisa e se caracteriza como uma pesquisa exploratória.

A pesquisa exploratória segundo Gonsalves (2007, p. 67) “é aquela que se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de ideias, com objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno que é pouco explorado”. A esse respeito Gil (1999, p. 43) enfatiza que a pesquisa exploratória envolve os sujeitos, de maneira que estes contribuam para a compreensão do objeto pesquisado.

Um trabalho é de natureza exploratória quando envolver levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram (ou têm) experiências práticas com o problema pesquisado e análise de exemplos que estimulem a compreensão. Possui ainda a finalidade básica de desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias para a formulação de abordagens posteriores. Dessa forma, este tipo de estudo visa proporcionar um maior conhecimento para o pesquisador acerca do assunto, a fim de que esse possa formular problemas mais precisos ou criar hipóteses que possam ser pesquisadas por estudos posteriores.

Para o desenvolvimento deste trabalho, foram realizadas análise documental e pesquisa bibliográfica, com o fim de sistematizar a discussão atual sobre educação e tecnologias, educação no campo, o projeto em análise e o contexto da oferta, assim como a abordagem metodológica adotada na pesquisa.

Também foi realizada pesquisa de campo, quando foram coletados dados e informações diretamente com a população envolvida no projeto Ensino Médio com Intermediação Tecnológica (EMITec) no povoado de Angico, município de Carinhanha, na Bahia, entre eles estudantes, professores monitores, coordenadores e diretor, por

meio de entrevistas semiestruturadas, além de ter sido realizada observação orientada no local de implementação do programa analisado.

A entrevista constitui-se como procedimento de pesquisa, podendo ser definida “como técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação” (GIL, 1999, p. 117). Miguel (2010) enfatiza que a entrevista “nas suas diversas aplicações, é uma técnica de interação social, interpenetração informativa, capaz de quebrar isolamentos grupais, individuais e sociais, podendo também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação”. Deste modo, a pesquisa proporciona um diálogo entre o pesquisador e sujeitos, possibilitando uma melhor compreensão do campo pesquisado.

A observação, como procedimento investigativo e como técnica de pesquisa “não é a contemplação beata e passiva, não é também um simples olhar atento. É essencialmente um olhar ativo e sustentado por uma questão e por uma hipótese cujo papel essencial deve ser reconhecido sempre (LAVILLE e DIONNE 1999, p. 176 *apud* SOARES et al 2007). Portanto, a observação garante a análise específica quando o observador se coloca atento e envolvido com a pesquisa.

Para a coleta dos dados e informações, foram feitas três visitas de observação à Escola Municipal Luís Viana Filho, no povoado de Angico, e uma viagem à comunidade para realização das entrevistas, realizadas na residência dos próprios estudantes. Em outra semana, foram realizadas as entrevistas com os professores monitores em suas residências, na sede do município de Carinhanha.

Em outra oportunidade, aconteceu uma visita à Escola Estadual Coronel João Duque, a sede estadual do projeto, com o fim de coletar documentos que regem o EMITec, bem como informações sobre o programa, ocasião em que o diretor da escola foi entrevistado. Ocorreu na Secretaria Municipal de Educação a entrevista com a coordenadora responsável pelo programa no município.

Ao todo, foram realizadas doze entrevistas, com cerca de cinquenta minutos cada uma.

3.2. Amostra da pesquisa

Como já referido, a coleta de dados aconteceu por meio de entrevistas semiestruturadas e observação orientada. Para tanto, foram realizadas três visitas à Escola Municipal Luís Viana Filho, no povoado de Angico, e uma viagem à comunidade para as entrevistas semiestruturadas, tendo sido entrevistados seis estudantes, dois de cada série. O intuito foi identificar as potencialidades e os limites do programa na visão destes sujeitos, bem como registrar, com base na observação, fatos e situações da realidade local sobre a implementação do programa.

Tendo em vista que os mediadores têm significativa participação no desenvolvimento do programa, já que estes se fazem presentes cotidianamente na vida escolar dos estudantes, o universo dos mediadores, ou seja, os três mediadores foram entrevistados.

Da mesma forma, também todos os gestores locais foram entrevistados, afim de identificar como percebiam as potencialidades e os limites do EMITec .Foram entrevistados: a coordenadora municipal do programa, o diretor da escola anexa e o diretor da Unidade Escolar de Vinculação.

IV – POTENCIALIDADES E LIMITES DO PROGRAMA ENSINO MÉDIO COM INTERMEDIÇÃO TECNOLÓGICA (EMITec) EM ANGICO

Partindo do pressuposto de que o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação (TIC) e sua marcante presença na contemporaneidade vêm trazendo mudanças no cenário educacional, torna-se relevante investigar de que maneira tais tecnologias estão contribuindo para a expansão da oferta de educação.

Evidencia-se que, cada vez mais, os avanços tecnológicos têm colaborado não somente para a ampliação da oferta no ensino superior como também no ensino médio, sobretudo, mediante a implementação de políticas públicas e o fomento de projetos pelo poder público voltados à democratização do acesso a esses níveis de ensino. Um exemplo dessa direção política relacionada à utilização das TIC na educação é o Programa Ensino Médio com Intermediação Tecnológica (EMITec), objeto de estudo desta pesquisa, que tem por finalidade investigar as potencialidades e os limites do projeto para a formação de jovens do Ensino Médio do povoado de Angico, na Bahia.

Como já mencionado, o trabalho de campo, além da revisão de literatura e análise documental, foi uma opção de fundamental importância para a investigação e coleta de dados desta pesquisa, cujos resultados serão apresentados sistematicamente a seguir. Para isso, será feito um contraponto entre as potencialidades e os limites do EMITec, com base nas respostas dos distintos sujeitos às perguntas formuladas e nas observações realizadas no campo. Ressalte-se que foram entrevistados seis estudantes, três mediadores, uma coordenadora e dois diretores. Além disso, foram realizadas quatro visitas de observação no local de oferta do programa.

Considerando que por muito tempo a educação nacional prioriza a memorização de conteúdos e não o desenvolvimento pleno do cidadão

Não se pode mais postergar a intervenção no Ensino Médio, de modo a garantir a superação de uma escola que, ao invés de se colocar como elemento central de desenvolvimento dos cidadãos, contribui para a sua exclusão. Uma escola que pretende formar por meio da imposição de modelos, de exercícios de memorização, da fragmentação do conhecimento, da ignorância dos instrumentos mais avançados de acesso ao conhecimento e da comunicação. Ao manter uma postura tradicional e distanciada das mudanças sociais, a escola como instituição pública acabará também por se marginalizar (BRASIL,

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS DO ENSINO MÉDIO, 2000).

Além disso, conforme destaca Souza e Reis, 2009 (apud SANTOS, sem data), a educação do campo não tem sido adequadamente tratada.

A educação do campo tem sido historicamente marginalizada na construção de políticas públicas, sendo inúmeras vezes tratada como política compensatória (...). Neste cenário de exclusão, a educação para os povos do campo vem sendo trabalhada a partir de discursos, identidades, perfis e currículos essencialmente marcados por conotações urbanas e, geralmente, deslocado das necessidades da realidade local e regional.

A escola que se necessita, hoje, não é essa escola marginalizada, que contribui para a divisão e exclusão dos povos, mas uma escola de qualidade que contemple os direitos do cidadão seja ele do campo ou da cidade. Por muito tempo a população do campo foi excluída dessa garantia de direitos.

O ensino médio, última etapa da educação básica, vem sofrendo transformações no âmbito legal com a aprovação da Constituição Federal de 1988 e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em 1996, tornando-se, a partir de 2009, obrigatório e gratuito, um dever do Estado e um direito do cidadão.

Dessa forma, tem sido crescente o esforço governamental no sentido de apoiar iniciativas relacionadas ao desenvolvimento de práticas inovadoras que melhorem o acesso e a qualidade do ensino público nesse nível.

O programa Ensino Médio com Intermediação Tecnológica – EMITec é um exemplo desse esforço e pretende justamente promover essa garantia de direito pela oferta de uma educação de qualidade aos estudantes do campo, respeitando as suas características peculiares, a cultura local, a identidade do povo. Não se trata simplesmente de ofertar o ensino médio, mas ofertar um ensino com qualidade. E esta parece ser uma das potencialidades do programa em foco: acesso e qualidade.

Em sua fala, a coordenadora municipal do programa esclarece que

o programa é válido e necessário, pois oportuniza acesso a todos da zona rural, principalmente aos estudantes da EJA (Educação de Jovens a Adulto). Garante a continuação dos estudos de muitos que

interrompiam os estudos por que não tinham condição de vir para cidade. Veja bem, como é que um pai de família trabalhador rural sai de casa cedo pra ir estudar na cidade? E o que o filho vai comer? Então é nesta perspectiva que vejo o EMITec”.

A esse respeito uma mediadora enfatiza que

“O EMITec deu grandes oportunidades para a população do Angico de prosseguir os estudos. Eu sou mediadora do 3º ano, que funciona a noite, e a maioria dos estudantes trabalham o dia inteiro. Então para eles é uma oportunidade de continuar estudando. Alguns estudantes até falam que se fosse ter que estudar em outro lugar eles não ia por conta do trabalho” (Mediadora 3).

É importante destacar, que o programa EMITec se inclui nas estratégias determinadas pelo CONAE 2014 que determina a universalização, até 2016, do atendimento escolar para toda a população de 15 a 17 anos e elevar, até o final do período de vigência do PNE 2012-2020, a taxa líquida de matrículas no ensino médio para 85%.

Antes da chegada do programa EMITec no povoado de Angico, os estudantes do ensino médio precisavam se deslocar do lugar para estudar no Colégio Estadual Coronel João Duque, na sede do município de Carinhanha. A maioria dos estudantes entrevistados, cerca de 80% deles, não chegou a estudar na sede do município, e afirma que prefere estudar no povoado, pois se sente em casa.

Constata-se na fala de muitos estudantes que ir para Carinhanha era um sofrimento. A dificuldade de deslocamento de casa para a cidade é apontada por cerca de 75% dos estudantes entrevistados como um dos empecilhos para estudar na sede do município. Um deles afirmou que “os meninos que estudaram lá falavam sempre com a gente que era muito ruim o transporte” (Estudante 1).

Os estudantes entrevistados ressaltaram que, hoje, não encontram nenhuma dificuldade para ir até à escola, exceto alguns colegas que moram em fazendas próximas a Angico e precisam se deslocar todos os dias até o povoado. Para os entrevistados, ter o EMITec no povoado é de grande importância, pois eles estavam sem estudar devido às dificuldades que tinham para ir até Carinhanha.

O EMITec, ofertado desde 2011, além de contribuir para a mudança dessa realidade dos estudantes, vem contribuindo também, de modo significativo, para o desenvolvimento do povoado de Angico. Especialmente porque agilizou a chegada e melhoria da internet por lá.

Como se sabe, na atualidade, a internet tem sido um dos principais meios de informação, comunicação e interação. Como caracteriza Moran (2001),

Com a chegada da internet nos defrontamos com novas possibilidades, desafios e incertezas no processo de ensino-aprendizagem. Não podemos esperar das redes eletrônicas a solução mágica para modificar profundamente a relação pedagógica, mas vão facilitar como nunca antes a pesquisa individual e grupal, o intercâmbio de professores com professores, de estudantes com estudantes, de professores com estudantes.

A chegada da internet para o povoado de Angico trouxe mudanças não somente no cenário educacional daquela localidade como também social. A implantação do EMITec valorizou a escola e todo o seu entorno, possibilitando a sua comunicação em rede com a capital baiana e com o Brasil.

Na fala dos estudantes, a chegada da internet trouxe grandes benefícios para o povoado, em todos os sentidos, principalmente como possibilidade de enriquecimento das atividades curriculares. Um deles destaca que:

“Há muita vantagem, porque ajudou muito em nossa aprendizagem, em relação às pesquisas, a tudo; agora, com o ensino médio, com EMITEC, há muito trabalho que exige pesquisa pela internet. Então, ajudou bastante” (Estudante 1).

Outro estudante ressalta:

“A vantagem é que a pessoa fica mais informada, por dentro dos assuntos, assim mesmo. Às vezes, passa um assunto na escola e você não entende e você pode pesquisar na internet ou então o mediador pode pesquisar e passar pra gente” (Estudante, idem).

Na educação, a internet é uma ferramenta poderosa, pois, permite que o aluno tenha acesso ao conteúdo em qualquer lugar que esteja e de forma rápida (NAKAHARA, 2004). Ademais, “[...] a educação, e os sistemas de gestão do

conhecimento que se desenvolvem em torno dela, têm de aprender a utilizar as novas tecnologias para transformar a educação, na mesma proporção em que estas tecnologias estão transformando o mundo que nos cerca” (DOWBOR, 2001, p.18).

Essa perspectiva transformadora da educação e do lugar é enfatizada no Documento-Síntese do Seminário da Articulação Nacional Por uma Educação Básica do Campo realizado em Cajamar, São Paulo em novembro de 1999 (*apud* ARROYO e FERNANDES, 1999, p. 59):

É preciso lutar para garantir que todas as pessoas do meio rural tenham acesso à educação em seus diversos níveis, uma educação de qualidade e voltada aos interesses da vida no campo. Nisto está em jogo o tipo de escola, o projeto educativo que ali se desenvolve, e o vínculo necessário desta educação com estratégias específicas de desenvolvimento humano e social do campo, e de seus sujeitos.

E esse parece ser um dos potenciais do programa EMITec, ao objetivar assegurar o acesso, a permanência e a conclusão da educação básica a jovens e adultos que moram em localidades que não têm Unidades Escolares de Ensino Médio, possibilitando-lhes dar continuidade aos estudos nesse nível de ensino. Neste sentido, a proposta do EMITec vai ao encontro das Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica que através da Resolução Nº 4, de 13 de julho de 2010 determina a utilização das TIC no processo de ensino e aprendizagem.

Estímulo à criação de métodos didático-pedagógicos utilizando-se recursos tecnológicos de informação e comunicação, a serem inseridos no cotidiano escolar, a fim de superar a distância entre estudantes que aprendem a receber informação com rapidez utilizando a linguagem digital e professores que dela ainda não se apropriaram (Resolução CNE/CEB 4/2010, Art. 13. § 3º; VII)

Como já caracterizado no capítulo anterior, o programa se utiliza de redes de serviços de comunicação multimídia integrado por dados, som e imagem. Os seus conteúdos são veiculados por meio de uma plataforma de telecomunicações, através de solução tecnológica, que inclui possibilidades de videoconferência e acesso simultâneo à comunicação interativa entre usuários empregando IP (Internet Protocol), por satélite.

O programa traz, em seu bojo, um novo conceito de aula, para o que Moran (2001) chama a atenção quando refere-se ao uso de tecnologias na educação.

O conceito de aula muda porque, mesmo distante, o processo de aprendizagem pode acontecer. À medida que essas tecnologias vão-se tornando mais e mais rápidas, além de escrever coisas e ler mensagens, poderemos ver os estudantes, eles verão o professor, a um custo relativamente barato. Então, isto vai modificar profundamente todo o conceito que nós temos de aula e o nosso papel professor e aluno.

Este novo enfoque de aula que emerge do uso das tecnologias muda a visão que temos de que uma aula acontece com professor e estudante no mesmo espaço e na mesma hora. Todavia, uma aula hoje pode ser ministrada por um professor em um determinado lugar e os estudantes em outros lugares, ao mesmo tempo, em espaços diferentes, como é o caso do EMITec. Com bases nas observações realizadas as aulas funcionam de forma semelhante ao ensino médio regular. A diferença é que são ministradas em Salvador, em estúdios similares ao utilizado em TV. Conectados com o estúdio, os estudantes interagem com o professor especialista, que é posicionado diante de uma câmera, nas respectivas salas de aula, com transmissão de imagem, voz e dados.

A fim de saber o que estudantes e mediadores pensam a respeito do programa, foi perguntado a eles o que gostariam de destacar sobre o Emitec? Foram múltiplas as respostas.

Para a quase totalidade, 90% dos estudantes entrevistados, o EMITec é um programa bom porque acontece na comunidade mesmo. Porém, alguns, 50% deles, afirmam que não gostam das aulas, pois os conteúdos são complexos, “a matéria é muito difícil”, como fala um deles. Nas falas dos estudantes, em geral, se ouve muito: “os professores são muito bons”.

Outra estudante fala:

Pra mim o projeto todo é bom, porque eu achei que teria muita dificuldade com os professores que não iam explicar direito,... que eles iam falar tudo de vez e se não entendeu não ia ter jeito. Mas, até que não a gente pode tirar dúvida... às vezes demoram a responder porque há muita comunidade assistindo a aula, mas tiram a nossa dúvida (Estudante 3).

Ainda falando do programa um dos mediadores presenciais enfatiza:

“O EMITec é um programa muito bom, porque tem aulas excelentes com professores capacitados na disciplina, todos os professores têm formação específica na área de conhecimento. Porém, às vezes, para os estudantes é muito puxado, por que os estudantes não têm... como posso dizer, “carga” pra encarar os conteúdos da forma que são passados, porque eles não tiveram base no ensino fundamental e quando chega no EMITec sentem o peso, reclamam sempre das dificuldades de entender o assunto” (Mediador 1).

Percebe-se, nesta fala, que uma das dificuldades dos estudantes se encontra nos conteúdos propostos que, muitas vezes, são sequências de conteúdos que deveriam ter visto no ensino fundamental, mas não estudaram ou não aprenderam suficientemente, por isso sentem dificuldades. Esse, contudo, não se constitui em si um limite do programa, mas é um problema para o qual precisa dar atenção e ao qual se agregam outras questões associadas ao uso de tecnologias na mediação pedagógica. Estas, sim, apontam limites do EMITec, como chama a atenção um dos mediadores.

“Eu falei sobre os estudantes encontrarem dificuldades em entender os conteúdos, que, segundo eles, são muito difíceis. Também tem a questão de prestar atenção nas aulas, assistir ali a tarde toda na frente de uma televisão, é difícil. Outra coisa é que os estudantes têm que prestar atenção no que está passando, mas tem dia que o horário não bate e o intervalo é numa hora diferente. Fica muito barulho ali no pátio e é difícil para os estudantes se concentrarem na aula que está sendo transmitida... se fosse tudo fechado... Às vezes, cai a internet e os estudantes ficam sem aquela aula, porque só foi aqui que ficou sem internet. Então existem essas dificuldades que precisam ser enfrentadas” (Mediador 2).

Essas dificuldades sobre as condições de estudo são também referidas pelos estudantes. 65% deles afirmam que o barulho no local atrapalha sua concentração para um aprendizado do que está sendo ensinado. Também sobre os problemas decorrentes de falhas na internet,

Além disso, muitas vezes, o programa não funciona da forma devida. O calendário letivo do EMITec é diferente do da escola municipal e, às vezes, os dias de aula não coincidem. Acontece, por exemplo, que em Carinhanha é feriado, mas em Salvador e demais localidades não. Então a aula é transmitida normalmente e os estudantes de Angico

perdem aquela aula. Uma coisa que eu não achei legal foi o tempo das aulas que foi muito pouco, a gente começou a estudar em março, teve feriado, faltou sistema, e já terminamos (as aulas encerraram em novembro??). Eu não entendo porque os meninos da escola começaram em março e ainda estão fazendo provas. (Estudante 5).

É sabido que as condições de estudo numa escola devem ser adequadas para a aprendizagem e a construção do conhecimento. Neste caso, um limite do EMITec que merece a atenção dos gestores.

Sobre o apoio da escola, há controvérsias. Um dos mediadores destaca que existe apoio da direção:

“A gente só utiliza uma sala da escola; as funcionárias da limpeza mantém sempre a sala limpa; o diretor dá total apoio. A escola sempre disponibiliza o que a gente precisa; a biblioteca, os estudantes podem usar, a merenda é fornecida junto com a dos estudantes da escola” (Mediador, idem).

Por outro lado, uma estudante enfatiza que “muita coisa poderia melhorar, porque, às vezes, falta material pra gente e não podemos usar o da escola” (Estudante 5).

Essa realidade foi observada nas visitas realizadas à escola. Pouco se percebeu o envolvimento da equipe escolar com os estudantes e mediadores do programa EMITec. Quando foi procurada a direção para comentar sobre o programa, esta quase não soube informar a respeito, afirmando que “nós não temos nenhuma responsabilidade com eles, toda responsabilidade é do mediador e da escola Coronel João Duque” (Direção).

Também a coordenadora do programa no município confirme essa realidade.

“O EMITec poderia funcionar melhor se tivesse o apoio das escolas onde está locado, o que dificilmente acontece. Estas escolas não tem envolvimento nenhum com o programa, inclusive temos dificuldades de cumprir com o calendário escolar do Instituto Anísio Teixeira (IAT), responsável pelas aulas, porque não está de acordo com o calendário das escolas, por isso muitas vezes os estudantes ficam sem aula. Acredito que a minha ponte até a localidade, já que não posso está lá sempre, seria o gestor, porém não é”.

Constata-se a falta de diálogo entre a equipe pedagógica do EMITEC e a escola onde acontece o programa. O que consideramos um limite para eficácia do programa.

Ora, se não existe comunicação entre a gestão do EMITec e da escola onde funciona o programa, podemos falar em boas condições na escola? Como se sentem esses estudantes na escola? Estas são algumas das questões que nos possibilitam refletir e concluir que não somente os materiais pedagógicos, limpeza e merenda escolar são necessários para a qualidade do ensino. Mas o respeito e a valorização dos sujeitos. Verifica-se que se faz necessário que todos os envolvidos, tanto do programa como da escola anexa, busquem o diálogo para que se favoreça a aprendizagem e o ensino de qualidade.

Como já dito anteriormente, muitos estudantes encontram dificuldades em compreender os conteúdos. Para eles as matérias são bem difíceis, principalmente Matemática, Química e Física. Muitos deles afirmam sentir essa dificuldade.

Na opinião da maioria dos estudantes e mediadores as aulas são muito boas e os professores utilizam de diversas ferramentas midiáticas para facilitar a compreensão dos estudantes. Isto foi verificado em uma das visitas a sala do EMITec: as aulas são dinâmicas e o professores, mesmo estando longe, buscam manter a interação possível com os estudantes e mediadores.

Corroborando com Fiorentini (2009, p. 146), as tecnologias têm propiciado a diminuição da distância, no âmbito educacional isso é importante para o diálogo e trocas de conhecimentos.

O desenvolvimento tecnológico permite, cada vez mais, presencialidade pela redução da distância, ressignificada por meio da virtualidade – não se trata, portanto, de eliminar o presencial, a contiguidade espacial, a interação face a face. Estamos diante de uma excelente oportunidade para rever a presencialidade e sua proporção nos processos formativos, os momentos em que é imprescindível, já que há muitas atividades que ele pode realizar individualmente em seu ambiente usual de atuação, incorporando-a sempre que o diálogo, as trocas, a colaboração, a cooperação e o contexto sejam significantes e relevantes para o aprendiz.

Evidencia-se, aí, uma potencialidade do programa, pois é notória, nas aulas, a busca por parte dos professores da interação dos estudantes, fazendo sempre questionamentos, perguntas, dialogando e trocando ideias via chat. Em uma oportunidade, na visita a campo, em duas aulas de Física, o professor estava fazendo

revisão dos conteúdos, de uma maneira dinâmica, relembando as aulas, atividades e trabalhos anteriores. Interessante foi notar o *chat* como uma importante ferramenta na comunicação, em que os estudantes podem enviar suas dúvidas ao professor e estas ser respondidas em tempo real, permitindo a interação e comunicação entre estudantes e professores, mesmo estando distantes fisicamente.

Em um processo pedagógico em que as aulas são transmitidas por TV, ou seja, mediadas pela tecnologia, assim como na educação a distância, o papel do mediador (ou tutor presencial) é de suma importância. Sobre os mediadores, os estudantes expressam satisfação pela presença e apoio dos mesmos. Em um dos relatos enfatiza uma estudante:

“Olha é necessário viu, porque é ele que está ali com você e te ajuda para tirar dúvidas. Tem muita coisa que você não entende ele explica como é, informa mais e você passa a ter mais confiança” (Estudante 4).

Por outro lado, outros estudantes dizem que alguns deixam a desejar e entendem “que não era função dele explicar o assunto só passar as atividades” (Estudante 2).

Em conversa com a coordenadora do EMITec no município, ela disse que os mediadores são pessoas competentes e interessadas e buscam da melhor forma mediar o ensino. Como já citado, o programa conta com três mediadores, cada um responsável por uma série. Destes, dois já possuem nível superior, um licenciado em Letras e outro graduado em Serviço Social, e o terceiro está se graduando em Pedagogia.

A coordenação estadual do programa preocupa-se muito com os mediadores presenciais, por isso é ofertado um curso de capacitação para mediadores na plataforma *moodle* do programa, onde também são anexadas informações e orientações de cada aula. Porém, os mediadores do Angico não fizeram o curso devido às aulas terem sido aos sábados e eles não poderem ficar na localidade. Ressalto isso para enfatizar que um programa como o EMITec, para se desenvolver na sua potencialidade, é necessário o compromisso de todos os envolvidos com a criação das condições requeridas, pois o que está em jogo é a garantia de direito do cidadão.

Cabe ainda destacar que a formação de professores, mediadores, tutores entre outros sujeitos envolvidos na implementação de propostas como o EMITec, é de suma

importância para o uso das TIC, pois o professor é aquele que, tendo adquirido o nível de cultura necessário para o desempenho de sua atividade, dá direção ao ensino e à aprendizagem (BRITO e PURIFICAÇÃO, 2008, p.45).

Num ensino com intermediação tecnológica é preciso que os estudantes busquem interagir entre si da melhor maneira possível, principalmente nos estudos e trabalho de grupos. Neste sentido, os mediadores enfatizam que os estudantes “tem muito diálogo e interagem muito bem” inclusive com os de outras comunidades. (Mediador 3).

“Tem trabalho que é feito na sala de aula, outros, em casa. Quando é pra apresentar a gente liga a webcam e os professores e os estudantes de outras comunidades assistem a apresentação, como eles de lá também assistem a apresentação de trabalhos de outras comunidades” (Mediador 2).

Parece evidente que a mediação da aprendizagem acontece da forma adequada. É dada aos estudantes autonomia para buscarem conhecimento. É importante destacar um comentário pertinente de um dos mediadores quando perguntado sobre como são ministradas as aulas. A comunicação e a interação entre professor e aluno acontecem, mesmo estes estando em lugares diferentes.

“As aulas são transmitidas de Salvador, os professores explicam o assunto usam sempre slides, vídeos, músicas. Tem assunto que é pra copiar aí eles dão o tempo pra eles copiarem. Sempre cada disciplina tem mais de um professor, eles são uma equipe, então nunca fica sem aula por eles, e enquanto um está explicando o outro fica no *chat* tirando as dúvidas. Às vezes, os estudantes não entendem, a gente escreve no chat e o professor esclarece” (Mediador 1).

A fim de saber sobre como os estudantes avaliam sua aprendizagem no EMITec, foi pedido aos estudantes que atribuíssem uma nota de 1 a 10 a sua aprendizagem no curso. As notas que os estudantes se atribuíram com maiores índices variaram entre 5 e 8. Entre estudantes de todas as séries, 40% se atribuíram nota 5, 25% se atribuíram nota 6, 25% se atribuíram nota 7 e 10% se atribuíram nota 8.

Constata-se que as notas mais baixas encontram-se no 3º ano. Essa evidência justifica-se pelo fato desta série ser ofertada no período noturno, período em que ocorreu a maior quantidade de falhas na transmissão. Já as notas mais altas foram

autoatribuídas pelos estudantes do 1º ano, percebe-se que estes, dos quais 35% são mães de família e os outros 65% são adolescentes, estão interessados e empenhados nos estudos. É importante destacar que, ao responder o porquê de tal nota, a maioria dos estudantes enfatiza que, com o EMITec, eles se desenvolveram muito na aprendizagem, e que os conteúdos estudados estão relacionados à realidade local.

Verifica-se, diante da pesquisa, que o EMITec se mostra como um programa de qualidade. Pois, como se sabe, um ensino de qualidade requer professores qualificados, capazes de sanar dúvidas e preparar da melhor forma possível o estudante para a sociedade que o espera. Neste sentido, o EMITec tem seu quadro pedagógico composto por professores formados na área de atuação.

Como dito anteriormente, para cada disciplina existe uma equipe formada por mais de três professores licenciados que são responsáveis pelas aulas, o que dá crédito e qualidade às aulas.

Deste modo, ter em seu quadro profissionais licenciados é um fator de qualidade do EMITec. O que é um problema em muitas localidades distantes, como é o caso de Carinhanha.

A respeito da transmissão, 2012 foi o ano, segundo os entrevistados, em que ocorreu a melhor transmissão. Como dito, a maioria das falhas ocorreu sempre no noturno, sendo o período matutino o melhor período de transmissão. Os problemas estão relacionados, principalmente, ao período de chuvas, o que acontece até meados do mês de março e a partir do mês de outubro. Este é um limite à implementação do EMITec com o qual a equipe técnica do programa preocupa-se muito, por isso existe um técnico especializado que dá assistência nesta região.

Ao se tratar do ensino e aprendizagem no EMITec o mediador 2 enfatiza:

“Eu acho que dá sim para aprender, os conteúdos são bem mais puxados, difíceis. Todos os professores são formados na área e isso é muito bom. Agora tem a dificuldade de assistir a aula, mas quem quer prestar atenção e aprender aprende. Acredito que acima de tudo o estudante tem que querer estudar, e independentemente do professor estar ali fisicamente ou virtualmente, ele aprende”.

Portanto, na aprendizagem através da intermediação tecnológica é importante o interesse e determinação do estudante em avançar nos estudos e adquirir novos

conhecimentos. Bem como uma transmissão eficiente, aulas interativas e dinâmicas, diálogo entre os sujeitos, entre outros fatores que favoreçam a permanência e sucesso dos estudantes.

São muitos os limites enfrentados na implementação do programa EMITec no povoado de Angico, seja pela falha da internet, pelas dificuldades de aprendizagem dos estudantes, pela falta de condições adequadas na escola, pela falta de apoio da escola onde está locado, pela falta de um diálogo e comunicação mais efetiva entre os gestores, entre outras.

Mas, a essas limitações, passíveis de superação por medidas político-pedagógicas que podem ser encaminhadas pelos gestores parceiros, se sobrepõe a potencialidade maior do EMITec: a possibilidade de oferta do ensino médio no povoado de Angico, permitindo aos estudantes a continuação, permanência e conclusão da educação básica dos estudantes, que, na sua maioria, são trabalhadores rurais e pais de família e não podem se deslocar para estudar nos centros educacionais longínquos. Acima de tudo garante o direito à educação básica aos cidadãos do campo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) têm sido o marco do século XXI. São diversos os avanços tecnológicos em todos os segmentos e áreas da sociedade contemporânea. Inclusive no campo educacional, as TIC têm adentrado no ambiente escolar e se tornado aliadas na construção do ensino-aprendizagem.

Como se sabe, o Brasil sempre enfrentou o desafio de capacitar profissionais da educação e ofertar a educação básica de qualidade em lugares longínquos, principalmente quando se refere ao campo. Sob a égide desta realidade brasileira verifica-se que as TIC se mostram como uma ferramenta eficaz na oferta do ensino superior por meio da educação a distância (EAD), como também na oferta do ensino médio com a intermediação tecnológica, como o programa Ensino Médio com Intermediação Tecnológica (EMITec) objeto de estudo desta pesquisa.

É importante destacar que o advento das TIC no campo educacional, favoreceu de modo significativo para a democratização do ensino, e a oferta da educação básica na área rural, o que por muitos anos foi motivo de discussão e de lutas populares. Destarte, que com as lutas dos movimentos sociais e sindicatos, a educação do campo não só foi contemplada com a oferta de ensino, assim como passou a ser ofertada como licenciatura, temas de cursos de educação continuada e especialização, e de conferências por todo país.

Ao longo da pesquisa realizada foram buscados dados e informações que identificassem as potencialidades e os limites do EMITec para a formação dos jovens do povoado de Angico, na Bahia. Neste sentido, verifica-se que muitos foram os ganhos para comunidade com a chegada do programa.

É notório que a internet trouxe grandes avanços no aprendizado dos estudantes, principalmente nos auxílio aos estudos e pesquisa, do povoado de Angico.

Referindo-se as potencialidades e limites do programa EMITec na formação de jovens do povoado de angico, verifica-se que o programa proporcionou aos estudantes estudar em sua própria localidade, sem precisar se deslocar de casa (no campo) para a cidade, se submetendo a viagens desgastantes para o próprio aprendizado.

Por outro lado, o EMITec tem seus limites que precisam ser superados para um melhor funcionamento. O diálogo entre gestão e coordenação da escola anexa, onde funciona o programa e do próprio programa, é um grande fator que favorece ao ensino de qualidade, porém pouco tem ocorrido. A transmissão das aulas é apontada como um dos empecilhos para o desenvolvimento, pois ainda acontecem falhas na transmissão e os estudantes ficam sem aula.

Com a chegada do programa EMITec para o povoado de Angico estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) tiveram a oportunidade de prosseguir com os estudos. Já que são na sua maioria pais de família e trabalhadores rurais e, por isso, não podiam se deslocar para estudar em outros lugares.

Por fim, conclui-se que as TIC tem possibilitado um avanço significativo na oferta do ensino. O EMITec, exemplo disso, garante aos sujeitos do campo o acesso, a inclusão, a permanência e a conclusão dos estudos. Tendo em vista que a educação é um direito de todos como predita a Constituição Brasileira (Brasil, 1988) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN N° 9394/96).

3ª PARTE: PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Cursar uma faculdade é um sonho, e esse foi um dos meus sonhos ao concluir o ensino médio. Nunca imaginei que poderia cursar uma universidade federal, como a Universidade de Brasília (UnB). Pensava mais baixo e, mesmo assim, sem muita esperança, pois vinha de uma família pobre.

Mas o sonho tornou-se realidade com a oportunidade criada pelo programa Universidade Aberta do Brasil, que trouxe para a minha cidade, Carinhanha, no interior da Bahia, uma das mais renomadas universidades do país, a UnB. Confesso que gostaria muito de ter feito Administração, porém, havia, também, no fundo, um desejo pela educação. Então, optei pelo curso de Pedagogia e consegui entrar na universidade. Passados quase cinco anos na universidade, entramos na reta final. Foram muitas as aprendizagens diante dos desafios encontrados.

Com o curso de Pedagogia consegui muitas oportunidades, principalmente no campo profissional. Com sua conclusão penso em dar prosseguimento aos estudos e, também, em retribuir à minha comunidade todo conhecimento que adquiri na universidade. Quero muito fazer, entre outras, uma especialização na área de Sociologia e outra em Educação a Distância, aprofundando estudos em tutoria a distância. Não posso deixar de destacar que tenho a expectativa de ser tutor presencial nos cursos da Universidade Aberta do Brasil e sempre que possível realizar pesquisas na UnB. Por conseguinte, tenho o desejo de fazer meu mestrado com ênfase em educação a distância e, também, o doutorado.

Em relação à minha atuação, onde atuar, eu pretendo ser um profissional de qualidade. Atualmente estou lecionando Filosofia no Centro Educacional Professor Wanderley França e atuo como Coordenador do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS Urbano), onde posso colocar em prática os conhecimentos adquiridos ao longo do curso de Pedagogia em outra área sem ser a educação. Pretendo aprofundar mais nos estudos e seguir a carreira profissional no campo educacional.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maria Rosa; TELES, Lúcio França. Tecnologias Interativas na Aprendizagem em redes sociais on-line, na ciberarte, na cidadania. In: SOUZA, Amaralina Miranda de Souza; RODRIGUES, Maria Alexandra Militão e FIORENTINI, Leda Maria Rangearo(org.). **Comunidade de Trabalho e Aprendizagem Rede (CTAR): educação superior a distância**. Brasília: Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2009, p. 169-201.

ARROYO, M. G. A educação Básica e o Movimento Social do Campo. In: ARROYO, M. G; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. (Org.). **Por uma educação do campo**. 3. ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2008.

ARROYO, Miguel Gonzalez; FERNANDES, Bernardo Mançano. **A educação básica e o movimento social do campo**. Brasília, DF: Articulação Nacional Por uma Educação Básica do Campo, 1999.

BAHIA. Secretaria de Educação. **Princípios e eixos da educação na Bahia**. Salvador; 2007.

BAHIA. Secretaria de Educação. **Proposta de implantação do projeto de ensino médio e educação profissional para os povos do campo do estado da Bahia**. Salvador; 2007.

BAHIA. Secretaria de Educação. Superintendência de Desenvolvimento da Educação Básica. **Projeto base do Ensino Médio com Intermediação Tecnológica do Estado da Bahia** – EMITec, Salvador, 2011.

BAHIA. Secretaria Estadual de Educação. Convênio que entre si celebram o Estado da Bahia, através da Secretaria da Educação, e o município de Carinhanha para descentralização do Ensino Médio Presencial com Intermediação Tecnológica. Salvador, 2010.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Conferência Nacional da Educação (CONAE). Documento Final. Brasília, 2010.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Conferência Nacional da Educação (CONAE). Documento Referência. Brasília, 2014.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Plano Nacional de Educação (PNE) 2012-2020.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Plano Nacional de Educação (PNE) 2001-2010.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad/MEC). **Educação do Campo: diferenças mudando paradigmas**. Brasília – DF: março de 2007.

BRASIL. (1988): Constituição da República Federativa do Brasil.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional por Amostragem Domiciliar. Brasília: 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. **Censo escolar - Bahia**. Brasília: MEC, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CEB nº 15/98. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília; 1998.

BRASIL. República Federativa do Brasil. Lei nº 9.394: Estabelece Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília; 1996.

BREITENBACH, Fabiane Vanessa. A Educação do Campo no Brasil: uma história que se escreve entre avanços e retrocessos. **Revista Espaço Acadêmico**, nº 21 – junho de 2011. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/12304/7068>. Acesso em: 15/01/2013.

BRITO, Glaucia da Silva; PURIFICAÇÃO, Ivonélia da. **Educação e novas tecnologias**: um re-pensar. 2 ed. Curitiba: Ibplex, 2008.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (Brasil). Resolução CNE/CEB nº 1/2002. Institui diretrizes operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012002.pdf>> Acesso em: 15/01/2013

_____. Resolução CNE/CEB nº 2/2008. Estabelece diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/>>. Acesso em: 15/01/2013

_____. Resolução CNE/CEB nº4/2010. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/>>. Acesso em: 15/01/2013

DEMO, Pedro. **Conhecimento e aprendizagem na nova mídia**. Brasília: Editora Plano, 2001.

DOWBOR, Ladislau. **Tecnologias do conhecimento**: os desafios da educação. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

FERREIRA, Fabiano de Jesus; BRANDÃO, Elias Canuto. Educação do campo: um olhar histórico, uma realidade concreta. **Revista Eletrônica de Educação**. Ano V. No. 09, jul./dez. 2011. Disponível em: <www.unifil.br/portal/arquivos/publicacoes/.../413_546_publicpg.pdf> Acesso em: 15/01/2013.

FIORENTINI, Leda Maria Rangearo. Aprender e ensinar com tecnologias, a distância e/ou em ambiente virtual de aprendizagem. In: SOUZA, Amaralina Miranda de Souza; RODRIGUES, Maria Alexandra Militão e FIORENTINI, Leda Maria Rangearo(org.). **Comunidade de Trabalho e Aprendizagem Rede (CTAR): educação superior a distância**. Brasília: Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2009, p. 137-168.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre a iniciação a pesquisa científica**. Campinas, São Paulo, Editora Alínea, 2007.

MIGUEL, Fernanda Valim Côrtes. A entrevista como instrumento para investigação em pesquisas qualitativas no campo da linguística aplicada. **Revista Odisseia** – PPgEL/UFRN, N ° 5 [jan – jun 2010] ISSN 1983 – 2435. Disponível em:

<<http://www.periodicos.ufrn.br/index.php/odisseia/article/download/.../1464>>. Acesso em: 05/01/2013.

MILL, Daniel. Das inovações tecnológicas às inovações pedagógicas: Considerações sobre o uso de tecnologias na Educação a Distância. In: MILL, Daniel; PIMENTEL, Nara (Org.). **Educação a Distância: desafios contemporâneos**. São Carlos: EdUFSCar.

MORAN, José Manuel. Novos desafios na educação - a Internet na educação presencial e virtual. Texto transcrito de uma palestra que dei na Universidade Federal de Pelotas In: Saberes e Linguagens de educação e comunicação, organizado por Tânia Maria E. Porto, editora da UFPel, Pelotas, 2001, páginas 19-44. Encontrado em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/novos.htm> acesso em: 20/01/2013

NEVES, José Luis. **Pesquisa qualitativa, características, usos e possibilidades**. Caderno de Pesquisa em Administração. São Paulo, v. 1. Nº 3, 1996. Disponível em: www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/c03-art06.pdf . Acesso em: 16/02/2013.

SANTOS, Ramofly Bicalho dos. **Histórico da educação do campo no Brasil**. Eixo temático: Educação do Campo, Trabalho e Movimentos Sociais. Instituição de origem: UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

SERRA, J. Paulo. **Manual de Teoria da Comunicação**. Covilhã: Livros Labcom, 2007. 203 p. p. 93-101.

SOARES, Joélcio Gonçalves et al. **Método da Observação: reflexões acerca de seu uso e formas de aplicação**. Disponível em: <<http://www.partes.com.br/reflexao/metododaobservacao.asp>>. Acesso em: 16/02/2013.

SOUZA, Pe. José Evangelista de (C.M.). **O Itinerário das Famílias: lá de fora até o sertão de Côcos**. Segunda Edição, 2007.

APÊNDICES



Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Educação – FE
Curso de Pedagogia a distância



Pesquisa: Educação e Tecnologia no Campo: potencialidades e limites do Projeto Ensino Médio com Intermediação Tecnológica – Emitec para a formação de jovens do povoado de Angico, na Bahia.

Roteiro de observação

1. Nome da instituição onde funciona o Projeto EMITEC
2. Localidade
3. Entidade mantenedora da escola
4. Turnos de funcionamento do Projeto EMITEC
5. Quantidade de salas destinadas ao projeto EMITEC
6. Modalidades de ensino que a escola atende além do Projeto EMITEC
7. Descrição dos aspectos físicos de toda a escola (prédio, conservação, limpeza interna e externa, dependências, cantina, biblioteca, laboratórios, salas, ambiente dos professores, áreas de lazer, acessibilidade para os estudantes com necessidades especiais, etc.)
8. Descrição da classe onde funciona o Projeto EMITEC: aspecto geral da sala (limpa, atraente, agradável, etc.), mobiliário, arrumação de carteiras (mesas/cadeiras), presença de material específico das diferentes áreas de estudo, material de uso coletivo, recursos tecnológicos, atividades desenvolvidas pelos estudantes;

equipamentos e materiais; qualidade da transmissão; dificuldades observadas, destaques de falas de estudantes e monitores

9. Recursos humanos do Projeto EMITEC na escola anexa:

9.1 Diretor:

9.2 Supervisor Pedagógico:

9.3 Número total de monitores:

9.4 Formação acadêmica dos monitores:

10. Características da localidade em que o Projeto EMITEC está inserido e o tipo de estudantes atendido:

11. Faixa etária dos estudantes atendido:

12. Considerações e observações.



Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Educação – FE
Curso de Pedagogia a distância



Pesquisa: Educação e Tecnologia no Campo: potencialidades e limites do Projeto Ensino Médio com Intermediação Tecnológica – Emitec para a formação de jovens do povoado de Angico, na Bahia.

Roteiro de entrevista semiestruturada – estudantes

Entrevistador: _____

Data da entrevista: ____/____/____ Hora: de ____h às ____h Local: _____

Aluno(a) entrevistado: _____

Telefones: _____

E-mail: _____

Observação:

Prezado(a)

Bom dia!

Sou Wesley Brunno Silva do Nascimento Gomes, aluno do Curso de Pedagogia a distância da FE/UnB-UAB.

Estou desenvolvendo uma pesquisa sobre Educação a Distância no Campo: potencialidades e limites do Projeto Ensino Médio com Intermediação Tecnológica – Emitec para a formação de jovens do povoado de Angico, na Bahia e levantando informação sobre esse tema para me ajudar na elaboração do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), como você faz parte deste projeto conto com sua colaboração respondendo-me algumas questões a seguir.

- 1- Como você se sentia indo estudar na sede do município – Carinhanha?
- 2- Quais as vantagens com a chegada *internet* para o ensino no povoado de Angico?
- 3- O que você gostaria de destacar sobre o Emitec?
Quais as maiores dificuldades?
Quais as vantagens do EMITEC para você e seus colegas?
- 4- O que você pensa em estudar na sua localidade?
- 5- Quais as dificuldades você encontra pra ir pra a escola?
- 6- Quais as condições de estudo na escola? Como você acha que deveriam ser?
Você tem acesso a biblioteca? E ao laboratório de informática?
- 7- Como são ministradas as aulas? Como deveriam ser?
- 8- Você achava as matérias difíceis? Se sim, por quê?
- 9- Como você acessa os materiais didáticos (textos, vídeos, filmes, orientações, livros)?
Os textos são impressos?
Você faz uso de livro didático?
Qual sua opinião sobre esses materiais?
- 10- Quanto ao apoio dos monitores o que você pensa? Como deveria ser?
- 11- E quanto ao apoio dos professores, o que você gostaria de registrar?
- 12- Como você o ensino-aprendizagem através projeto Emitec?
Que nota de 1 a 10 você daria na sua aprendizagem?
- 13- Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?



Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Educação – FE
Curso de Pedagogia a distância



Pesquisa: Educação e Tecnologia no Campo: potencialidades e limites do Projeto Ensino Médio com Intermediação Tecnológica – Emitec para a formação de jovens do povoado de Angico, na Bahia.

Roteiro de entrevista semiestruturada – mediadores, coordenador e direção

Entrevistador: _____

Data da entrevista: ___/___/___ Hora: de ___ h às ___ h Local: _____

Entrevistado: _____

Telefones: _____

E-mail: _____

Observação:

Prezado(a)

Bom dia!

Sou Wesley Brunno Silva do Nascimento Gomes, aluno do Curso de Pedagogia a distância da FE/UnB-UAB.

Estou desenvolvendo uma pesquisa sobre Educação a Distância no Campo: potencialidades e limites do Projeto Ensino Médio com Intermediação Tecnológica – Emitec para a formação de jovens do povoado de Angico, na Bahia e levantando informação sobre esse tema para me ajudar na elaboração do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), como você faz parte deste projeto conto com sua colaboração respondendo-me algumas questões a seguir.

- 1- Quais as vantagens com a chegada *internet* para o ensino no povoado de Angico?
- 2- O que você gostaria de destacar sobre o Emitec?
Quais as maiores dificuldades?
Quais as vantagens do EMITEC para os aluno do povoado?
- 3- O que você pensa do aluno em estudar na sua localidade?
- 4- Quais as condições de estudo na escola? Como você acha que deveriam ser?
- 5- Como acontece interação presencial entre os estudantes? Como você acha que poderia ser?
- 6- Você tem algum contato com monitores de outras localidades? Como acontece esse contato?
- 7- Como são ministradas as aulas? Como deveriam ser?
- 8- Como são realizada as avaliações?
- 9- Quanto aos trabalhos a realizar, o que você acha?
- 10- Há diferença entre uma disciplina e outra?
- 11- Como você acessa os materiais didáticos (textos, vídeos, filmes, orientações, livros)?
Qual sua opinião sobre esses materiais?
- 12- Quanto ao apoio dos professores, o que você gostaria de registrar?
- 13- Como você o ensino-aprendizagem através projeto Emitec?
- 14- Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?